

ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DIACRÔNICO DO PORTUGUÊS PAULISTA
Coordenador: Marcelo Módolo (USP) modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

11. SANTOS, Vinícius Gonçalves dos Santos. As Noivas. Peça de Paulo Gonçalves (1897-1927). Distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

11) Peças de Teatro: As Noivas

Autor: Paulo Gonçalves (1897-1927)

Transcrição: Vinícius Gonçalves dos Santos (IC, Ensinar com Pesquisa, sob orientação de Marcelo Módolo)

Edição de *As Noivas* de Paulo Gonçalves (1897-1927)

[p. 7] "AS NOIVAS" (*)
COMÉDIA ROMÂNTICA EM 3 ATOS

(*) – Representada, pela primeira vez, em 1923, pela Companhia de Iracema| de Alencar, no Teatro Royal.

[p. 8] [p. 9] PRIMEIRO ATO

Em Dores, Vila de Sergipe. | Interior singelo. Ao *Fundo* porta ampla, deitando para um alpendre e | ladeada por duas janelas de esteirinha, abertas para o terreiro, povoado | de cajazeiros. À direita, duas portas de uma folha. Ao centro, sôbre uma | mesa, flores roxas num vaso rústico e um moringue. À esquerda, uma | janela e uma porta. Grande sofá de palhinha e cadeiras esparsas. No | ângulo direito, uma rede. | Pleno dia. | À direita uma folhinha marca um dia de fevereiro. | Silvestre está dormindo na rede, como o rosto protegido por um | jornal. Angélica, de frente para a cena, escreve uma carta, olhando às | vezes para a sua almofada, armada à direita baixa. Teresa, fazendo renda | à esquerda. Cecília arruma dois ternos de brim, e várias outras peças | de roupa, na mala de mão.

TERESA Era uma vez três Princesas | noivas de três Trovadores.

CECÍLIA Isso no tempo em que havia angelíssimos amores.

TERESA Três rapazes sonhadores | que se partiram um dia | a conquista de riquezas.

ANGÉLICA E a-pesar-das incertezas, | aventuras e surpresas | que a jornada lhes abria, | partiram todos confiantes | na constância das Princesas.

[p.10] TERESA E tão fiéis foram elas | a essa paixão insensata, | que um tardo fio de prata | veio encontrá-las donzelas.

ANGÉLICA Seus corações sofredores | lembravam três semprevivas | ou três lâmpadas votivas | que mantivessem acesas | em louvor dos trovadores.

CECÍLIA Era uma vez três princesas... (pausa)

TERESA Toda a vida os esperaram | e os seus noivos não voltaram... (pausa)

ANGÉLICA Era uma vez três rendeiras,| três raparigas do norte,| cujos noivos acordaram| em tentar juntos a sorte.

TERESA Quantos perigos de morte| nessas terras traiçoeiras!| – pensavam as três rendeiras.

ANGÉLICA Eram os três de alma forte,| e sorrindo se apartaram| das ingênuas companheiras...

CECÍLIA Era uma vez três rendeiras...

TERESA Até que um dia voltaram...

TERESA – Deixe de botar azar no pobre do Janu. Não pense nisso. | Cuide do seu enxoval que é melhor... (pausa.) Ah! quem é êsse moço | que esteve aí há pouco à procura de Nhô Silvestre?

CECÍLIA – É mesmo! Você conhece, Angélica?

ANGÉLICA – Conheço. É Júlio, do Engenho da Murta. Acabou os | estudos na Baía.

TERESA – Pois não conhecia, não.

ANGÉLICA – Pronto! Acabei a carta.

TERESA (levantando-se.) – Acabou? Que é você escreveu?

ANGÉLICA – Espera, que eu já leio. Antes vou guardar o tinteiro | aqui na banca de papai... (sai pela *Direita Alta*)

TERESA (tira do vaso uma flor, com que roça a cabeça do velho. | Êle ergue as mãos em gestos irritados, de quem afugenta insetos. Ela ri e | embala a rede, cantando): || Bacia de prata | areada com sabão...

[p. 11] CECÍLIA (repreensiva.) – Teresa! Que é isso?

SILVESTRE (acorda simultâneamente com a entrada de Angélica. | Resmunga, depois sorri, exclamando): Ahn! Lucas já voltou da solta?

ANGÉLICA – Ainda não, senhor.

SILVESTRE – Ahn! Bem. (volta-se e ressona)

CECÍLIA – Mas Teresa está ficando impossível de tão gaiata. Olhe | que eu conto a titia! Nós não estamos em casa, para você fazer das suas! | (Angélica sorri.)

TERESA – Ora essa! Foi com isto que fiz cócegas. Se fosse com | outra qualquer coisa, ainda vá, mas com uma flor! E ainda mais com que: | com um "meu amor é você". Não é assim que isto se chama, Angélica?

ANGÉLICA – É, sim. "Meu amor é você".

TERESA – Então! Bem, agora leia a carta.

ANGÉLICA – Leia você, Cecília; eu tenho vergonha.

CECÍLIA – Leio, mas depois a Teresa não vá dizer que eu sou | abelhuda.

ANGÉLICA (num sorriso) – Ih! vocês nem parecem irmãs! São | tão briguentas!

CECÍLIA (lendo) – "Armando – Esta lhe vai ser entregue pelo | Oscar. Papai e eu vamos passando bem, felizmente. Estimarei que a viagem | lhe seja bastante agradável e que regresse logo. Aceite...

TERESA (interrompendo-a.) – Espere! Espere aí! Você escreveu | aceite com s?

ANGÉLICA (espiando.) – Ave Maria! Com s? Não Onde está?

TERESA – Ahn! parece! Era muito engraçado...

CECÍLIA – Ora! cale a boca! – (continuando a ler) – "Aceite | lembranças de sua sincera amiga Angélica".

TERESA – Hum! Acabou? Mas você levou tanto tempo para es- | crever só isso? E depois com essa frieza! Virgem! Isso não é carta de noiva!

ANGÉLICA – Mas vai assim mesmo. (em súbita tristeza) Eu | bem sei porque fiz a carta assim...

CECÍLIA (com mistérios) – Por causa de Leonor?

ANGÉLICA – É, eu não tenho o direito de oferece a minha | amizade... Depois...

TERESA – Mas quem é essa Leonor?

ANGÉLICA (torcendo a ponta do avental) – ...e o meu mêdo é que| êle não tenha fôrça pra resistir... Ficando perto dela de novo...

TERESA – Mas afinal, quem é essa Leonor? Mora em São Paulo?| Gosta dêle, é?

CECÍLIA – É, sim.

[p. 12] TERESA – Ah! você sabe! – (a Angélica) – Então você tem| segredos que só Cecília pode saber, não é? Eu não mereço essa con-| fiança... Pois vou tratar vocês na mesma forma, está aí!

CECÍLIA – Ora deixe-se de ciúmes...

ANGÉLICA – Virgem, Teresa! Não foi por pouco caso... Você| também podia saber... O que não houve foi ocasião para lhe contar –| (movimento de atenção de Teresa) – Leonor... é o nome da primeira| paixão de Armando. (abaixa a frente para contar a história) Uma| leviana, fácil de se impressionar com as tentações do luxo... que não o| compreendia, afinal... Armando a amou, como é capaz de amar alguém...

TERESA (sorrindo) – Como você sente-se amada, não é?

ANGÉLICA – Um dia, passou um outro no caminho dela. Passou...| e levou-a, Armando não resistiu ao sentimento que isso lhe deu e foi| por isso que tratou de sair de São Paulo. Não veio a negócios, não, como| a gente supunha; veio distrair o que sofreu... com essa... surpresa...| (comove-se) – Êle me confessou que a tinha esquecido, mesmo porque| ela era assim... tonta... (desalentada) – Mas eu não creio que êle| a tenha esquecido... Eu não devia...

TERESA (comovida) – Qual, Angélica! Naturalmente êle esqueceu.

ANGÉLICA – Você acha?

TERESA – Naturalmente! Deve ter esquecido. Os homens em ma-| téria de amor, comem muito queijo...

CECÍLIA (voltando à tarefa) – Ora! Armando lhe quer bem, você| não pode duvidar... Se até agora êle foi constante para a outra, será| também para você.

TERESA (alisando os cabelos de Angélica que se põe a trabalhar)| – Claro! Você, Angélica, êle não esquece. Não esquece por causa dêstes...| por causa dêstes... Como é mesmo que êle chamou estes cachos, hein?...| Ah! estes fios de sol...

ANGÉLICA – Agradecida. Vá fazer seu entremeio, que ainda está| no princípio...

TERESA – ...tão dourados... Ah! e por falar em ouro, que é| do cofre?

ANGÉLICA – É mesmo. Eu prometí mostrar a vocês. Esperem um| pouquinho. Está aqui no meu quarto... (Sai à *Esquerda*)

TERESA – Que horas serão, Cecília? Janu disse que não demorava| e parece que não sobra muito tempo! – (numa explosão de contenta-| mento) Ih! Quando estivermos em São Paulo, que bom, não, Cecília!| (Angélica aparece com o cofre) – Hein, Angélica! Quando estivermos| em São Paulo, vamos morar juntas, não?

[p. 13] ANGÉLICA (pondo o cofre à mesa e abrindo-o) – Se êle cumprir| a promessa, por estes seis meses eu vou.

TERESA – Felizarda! Só seis meses! E nós? Quando chegará o| nosso dia?

CECÍLIA – E o seu dote?

TERESA (olhando o conteúdo do cofre, e com grande admiração) –| Oh! Libras, Cecília! Aí tem cem contos, não, Angélica?

ANGÉLICA – Boba! Tudo isso não chega a dez. Ah! mas também| todo o vintém que papai me dá ou que consigo ganhar com a cria da| "Mimosa" é para guardar aqui dentro. Depois, papai manda pedir a um| amigo dêle em Pernambuco para trocar dinheiro por libras...

TERESA – Olhe, Angélica, você ponha muito cuidado, porque êste| mundo...

ANGÉLICA – O que?

TERESA – Há falsificadores de dinheiro... Antes de pôr as libras| no cofre, você repare ou pergunte se não são falsas.

ANGÉLICA (rindo) – Ora! – (sai, levando o cofre)

CECÍLIA (Olhando para o alpendre) – Teresa, êle já estão demo-| rando.

TERESA – Ah! que é da carta de Angélica? (deparando com a carta | na mesa) Ah! está aqui. Pobre do Armando! Então isto é carta que se | escreve a um noivo? Ela trata Armando com muita indiferença, você não | acha, não?

CECÍLIA – Se o gênio dela é êsse!

TERESA – Mas nem um beijo! Assim numa distância de tantas | léguas, que é um beijo? Não! Ao menos isto, que é bastante significativo. | – (tira do vaso um "meu amor é você" e mete-o no envelope) – Meu | amor é você! Pronto!

ANGÉLICA (entrando) – Gente, parece que êles se encantaram no | engenho da "Esperança"! (Aparecem Januário e Oscar. Ambos vestem | roupas simples e calçam perneiras e espora. Oscar vem cantando o estri- | bilho de um samba) As três (Ao vê-los) Oh!

OSCAR – Viva!

TERESA (correndo) – Oscar!

CECÍLIA – Janú!

OSCAR – Ó minha flor de jerimú!

ANGÉLICA (apontando a rede, onde o velho tosse) – Psiu! – | (silêncio).

OSCAR (baixo) – Psiu! Fica proibido ter alegria!

TERESA – Vocês já estão prontos?

[p. 14] JANUÁRIO (que tem o hábito de sacudir vinténs) – Só nos falta | despedir de nhô Silvestre. Está pronta a mala, Cecília?

CECÍLIA – Quase! Olhe, veja se ficou bem!

TERESA – Vocês passaram por casa?

OSCAR – Ainda não, e o pior é que daqui a três horas o trem sai | de Capela. Até lá vão duas horas bem socadas... – (cariciosamente) – | Teresa, minha flor de macaxeira, você me promete que escreverá sempre?

TERESA – Prometo.

CECÍLIA – E você também, Janu?

JANUÁRIO – Por falta de vontade não será...

OSCAR – Por falta de vontade não será; só se for por falta de | gramática.

JANUÁRIO – E o Lucas ainda não veio, não?

CECÍLIA – Ainda não. Foi à solta e à feira fazer compras.

OSCAR – Bonito! E agora quem é que nos vai servir de pajem?

ANGÉLICA (à porta) – Vocês me dão licença?

TODOS – Pois não.

ANGÉLICA – Vou tratar do jantar. Vocês jantam antes de ir?

OSCAR e JANUÁRIO – Não. Muito obrigado. (Angélica sai à *Direita Baixa*) | Oscar (tocando numa almofada) Olhe aqui Janu, o nosso enxoval.

CECÍLIA – Nosso, não! O Janu não precisa do seu!

OSCAR (nem repente) – Oh! Janu, em último recurso, podemos | lançar essa moda em São Paulo, hein? Abre-se um negócio para vender | ceroulas com bicos, paletós com entremeios, camisas com babados de | rendas... Assim se aproveita o serviço delas...

CECÍLIA – Engraçado!

TERESA – Não é preciso êsse recursos. Qualquer coisa aqui dentro | me diz que você não demora a vir me buscar.

CECÍLIA – Assim seja! Mas eu creio que é Janu!

TERESA – Oscar é mais esperto, mais ativo...

OSCAR – Obrigado!

CECÍLIA – Mas Janu é mais econômico, mais inteligente...

OSCAR – Ah! Com êsse hábito de jogar vinténs, êle vai longe.

TERESA (decidida) – Vamos fazer uma aposta?

CECÍLIA (resoluta) – Aposto!

JANUÁRIO – Não falem alto que nhô Silvestre acorda!

TERESA – O enxoval!

CECÍLIA – O enxoval! Está direito. Se o Oscar voltar antes que| o Janu, eu lhe faço presente de todas as minhas rendas.

[p. 15] TERESA (contente) Ih! – (a Oscar) Você veja lá, você me ajude| hein? Não gaste o seu dinheiro, para vir logo. Assim teremos dois enxoval| vais.

OSCAR – Ajudo, sim. Até de silêncio vou fazer economia, uma vez| que o silêncio é de ouro, como dizem. E depois de juntar dinheiro, venho| a pé, que é para não gastar passagem. (Lucas entra pelo *Fundo*.)

TERESA (vendo-o entrar) Olhe aí o homem, tirador de samba.

OSCAR – Oh! Até que enfim!

LUCAS (é um vaqueiro moço, ainda. Vem vestido de couro e traz uma| cesta no braço)
– Bons dias!

TERESA – Lucas vai servir de testemunha.

LUCAS – Eu? De que?

CECÍLIA – Da aposta. Se o Oscar voltar primeiro que o Janu, a| Teresa ganha o meu enxoval!

LUCAS (a Teresa) – E sinhá dona apostou? Então, não se confie| muito praque nhô Janu... prá mim... Não se fonde, não, nhô Oscar?

ANGÉLICA (entra pela *Direita Baixa*) – Ó Lucas!

LUCAS – Nhá Angélica! (tira o chapéu).

ANGÉLICA – Deixe-me ver a cesta. (Lucas lha entrega.)

CECÍLIA – Como é, gente? O tempo está correndo!

OSCAR (numa resolução) Vamos?

JANUÁRIO – Vamos.

TERESA – Angélica, até!

OS OUTROS – Até!

ANGÉLICA – Até! Vocês não voltam!

OSCAR – Já. Vamos aqui ao último sacrifício dos apertos de mão.| Arre! Se agente não se vexa um pouco, fica aí a semana toda, gastando a| mão em cumprimentos. Até! Angélica.

ANGÉLICA – Até!

CECÍLIA – Já voltamos, Angélica. Eles não se despediram de titia.| Ah! Angélica você me faz um favor?

ANGÉLICA – Que é.

CECÍLIA – Prender as correias dessa mala?

ANGÉLICA – Pois não. Pode ir tranqüila. Até!

CECÍLIA – Até (saem).

ANGÉLICA – Não se esqueceu do gás, Lucas?

LUCAS – Do gás? Nhá, não, 'stá aí. Lamedô é que me esqueci de vê| na botica.

[p. 16] ANGÉLICA (levando a cesta para a *Direita Baixa*) – Sempre esquecido, seu| Lucas! Bem. E como vai a Mimosa?

LUCAS – Ah! a Mimosa vai que nem um brinco. Ainda mais lei-| tera agora. Bastou que sinhá olhasse prá ela, adepois da cria, prá botar| tanto leite que espirra no fundo da cuia, e móia até minha cara.

ANGÉLICA (num contentamento) – É?

LUCAS – Praque sinhá Angélica não vai lá na sôrta outra veis, só| prá dá uma olhadela na Mimosa?

ANGÉLICA – Para que?

LUCAS – Ora! Aquerdite que os seus óio dão leite...

ANGÉLICA – Virgem Maria!

LUCAS (emendando-se) Isto é: mal comparando... (enfiando a| mão no bolso) Ah! os espinhos de mandacará que nhá me pediu...|

ANGÉLICA – Ah! É mesmo! Para a almofada. (recebe-os)

LUCAS (enfiando a mão no outro bolso) – E agora... se sinhá me| da licença... (tira duas flores roxas) – estas duas lembrancinha...

ANGÉLICA (recebendo-as). – Muito obrigada.

LUCAS – Faz de conta que nhá recebe estas jurubebas das mão de| nhô Armando. Eu apanhei no tabolêro pensando nêe... – (ela abaixa a| frente e enfia as flores no seio, encaminhando-se para a *Direita Baixa*) – Nhô| Armando lhe quer bem de verdade, nhá. Ah! se êle vinhé êste ano ainda,| como disse! – (alto) – Chi!

ANGÉLICA – Que foi?

LUCAS – 'stá 'í um percurando nhô Silvestre! Eu me esquecí dêle| lá fora!

ANGÉLICA – Ah! É o moço da Murta, com certeza! Faça entrar| que eu chamo papai.

LUCAS (do alpendre) – Faz favô sô moço.

ANGÉLICA (chamando) – Papai! Papai!

SILVESTRE (num susto) – Ahn! Que é?

ANGÉLICA – Visita.

LUCAS – Entre, faz favô sô moço. Descurpe esperá, mas é que eu| fiquei atordoado aquí com as compra de minhas bagatela...

SILVESTRE (compondo-se) – Quem é? Ah! Lucas já voltou?

ANGÉLICA – Já sim senhor.

SILVESTRE – Que é do outro pé dos sapatos?

ANGÉLICA (baixando-se e entregando-lhe um chinelo) – Está aquí| papai.

[p. 17] SILVESTRE – Ah! Bem!

(Angélica torna a parar à *Direita* com a cesta na mão. Júlio aparece pelo| *Fundo*. É moço. Veste-se com uma dose de apuro suficiente para tomar relêvo| no ambiente. É senhoril, é discreto).

JÚLIO – Bom dia.

SILVESTRE (breve pausa) – Bom dia! Ah! É o Júlio?

JÚLIO – Sim, "seu" Silvestre (abraçam-se).

SILVESTRE – Oh! meu filho, muito obrigado pela sua atenção.| Isto quer dizer que hoje mesmo podemos fechar o negócio... Você está| há poucos dias no engenho, não?

JÚLIO – Desde a semana passada, sim senhor. Mamãe me falou do| negócio e se não vim antes foi porque a saúde dos meus prederam-me| em casa.

SILVESTRE – Natural! Natural! Sente-se (reparando na filha) –| Ah! Talvez não se lembre... (chamando) Minha filha...

ANGÉLICA (tímida) – Senhor...

SILVESTRE – Minha filha, êste é o Júlio, filho de dona Mariana,| da Murta. Eu conheci criança...

JÚLIO (aproxima-se e ela larga a cesta no chão para receber o aperto| de mão) – Um criado às suas ordens, já nos tínhamos falado há pouco,| quando procurei pelo senhor...

ANGÉLICA (olhando-o admirada, murmura) – Angélica...

SILVESTRE – Não repare, Júlio. Ela tem de sair... então já es-| teve aqui?

JÚLIO – Ela quis acordá-lo e eu lhe pedí que não o incomodasse.

ANGÉLICA – Com licença (sai à *Direita Baixa*)

SILVESTRE – Sente-se. Não faça cerimônia, porque a casa é sua.| Você vem jantar conosco. Não vem, não?

JÚLIO – Não senhor.... muito agradecido.

LUCAS (que se veio aproximando) Nhôr Silvestre...

SILVESTRE – Ahn! Lucas... foi a sôlta?

LUCAS – Nhôr sim... (põe-se a alisar a aba do chapéu)

SILVESTRE – Não há novidades?

LUCAS – Nhôr, não. Isto é, tem um recado do Migué prá vosmicê...| Êle mandou dizê que aqueles marchantes estivero vendo o gado.

SILVESTRE, – Bem, vá. Não está cansado?

LUCAS (rindo) – Quá! Eu? Nhor, não.

SILVESTRE – Então depois me procure.

[p. 18] LUCAS – Mas... é que eu tenho de acompanhá os moço inté à | Capela... e vou arriá outro animá, que o meu está todo pisado.

SILVESTRE – Ah! eu já nem me lembrava disso. Vá. Veja se tem | carta para mim lá no correio e volte logo, que hoje tenho um negócio im- | portante a resolver e preciso de sua presença.

LUCAS – Nhor, sim, Então... Até. (a Júlio) Até.

JÚLIO – Até logo.

SILESTRE – Não demore, Lucas!

LUCAS – Nhor, não. (sai pelo *Fundo*)

SILVESTRE – Êste é o Lucas, meu vaqueiro. Bom rapaz... Presta- | me um serviço, porque eu já não sirvo mais para andar fiscalizando o gado | todos os dias, e a sôlta é longe, como você sabe... Mas afinal, que é que | você me conta da Baía? Que fez durante tanto tempo?

JÚLIO – Estudei, "seu" Silvestre. Quando terminei o curso no | Seminário menor, estava resolvido a estudar medicina. Perdí todo um ano | sem me resolver a isso, até que vim para cá.

SILVESTRE – Ah! Mas ainda vai estudar...

JÚLIO – Não sei, não senhor. Estou ainda indeciso; não sei se me | prepare para me matricular na escola de Medicina, ou se contente mamãe, | voltando para o Seminário...

SILVESTRE – Voltar?

JÚLIO – Para o Seminário, sim senhor, pela vontade de mamãe eu | seria padre. E eu...

ANGÉLICA (surge à *Direita Baixa* e interrompe-o) – Com licença?

JÚLIO – Pois não. (Angélica vai fechar a mala)

SILVESTRE – Ah! minha filha, foi bom você aparecer. Júlio vai- | me permitir que calce as botinas e arranje um pouco para sairmos e assi- | narmos a escritura... você concorda mesmo com aquelas condições?

JÚLIO – Pois não lhe mandei dizer que aceitava? Essas terras eu | as recebí em adiantamento de legítima, quando andei com a idéia de criar...

SILVESTRE – Sim, como sua mãe me explicou. Bem, com licen- | ça... meu filho. (sai à *Direita Alta*)

JÚLIO (notando o esforço que Angélica faz a fechar a mala) – A | senhora quer que a ajude?

ANGÉLICA – A mala está cheia demais...

JÚLIO – Então é preciso arrumá-la de novo (aproxima-se)

ANGÉLICA – É, sim...

JÚLIO – Deixe que eu arrumo.

ANGÉLICA – Não. É incômodo para o senhor.

[p. 19] JÚLIO – Não pense nisso. Se consentir, é um prazer para mim...

ANGÉLICA – Então...

JÚLIO (depois de tirar algumas peças de roupa e passar-lhas) – Seu | nome... é muito expressivo. Creio que nunca a vi, nem em criança... | (começa a arrumar de novo, curvados sôbre a mala)

ANGÉLICA – Creio que não, senhor.

JÚLIO – Ontem, em casa, falaram muito na senhora... que o nome | não era mais angélico do que a pessoa...

ANGÉLICA (sorrindo) – Ave Maria! Não sou, não. É bondade. O | senhor estudava, é? Para que?

JÚLIO – Para ser talvez o vigário de um dêsses lugares perdidos | aí no mato. Mas deixei...

ANGÉLICA – Ah! então é porque não é religioso!?

JÚLIO – Não. Pelo contrário... mas aqui fora a vida é tão...| (tocam-se as mãos de ambos. Éle a fixa expressivamente).

ANGÉLICA – O senhor é o dono das terras, não é, não?

JÚLIO – Sim, senhora. Por que?

ANGÉLICA – Porque papai falava sempre que precisava comprar| suas terras para aumentar a sôlta.

JÚLIO – São vizinhas às dêle.

LUCAS (entrando) – Nhá Angélica!

ANGÉLICA – Que é, Lucas? Tire o chapéu...

LUCAS – Ah! Descurpe... (tira uma vela do bolso) Nhá Angélica,| eu vinha pedí a vosmicê que me acendesse esta vela no seu oratório.

ANGÉLICA – Pois não. Deixe ver... Mas para que é isto?

LUCAS – Para que? Nhá não se alembra, não?

ANGÉLICA (vivamente procurando a folhinha com os olhos) – Que| dia é hoje? Ah! Sim... vou acender já. Com sua licença.

JÚLIO – Pois não. (ela sai à *Esquerda Baixa*. Éle dirige-se a Lucas) É algu-| ma promessa que vai fazer?

LUCAS – Promessa? Nhor, não. Há muntos ano que eu principiei| a gostá de uma moça bonita do Sítio do Meio. A graça dela era Jerusa.| Mas como a família não queria o casamento, praquê tinha umas bacatela, e| inté o pai andô espaiando que me dava um tiro, prumode dessa cegueira,| eu, que não tenho nem couro prá ninguém roer, um dia... furtei Jerusa...

ANGÉLICA (aparecendo) – Pronto!

LUCAS – Furtei, joguei na garupa do meu cavalo e vim apeá aquí| na casa de nhô Silvestre. Nhá Angélica conheceu ela, não é, não?

ANGÉLICA – Foi sim. Tão simples, tão meiga...

[p. 20] LUCAS – Foi aí que o loroteiro do pai dela, danado com a histó-| ria, veio aquí me instultá, mas não sei se vosmicê sabe que aquí em Ser-| gipe quando uma moça é guardada numa casa, só sai adespois de casada.| E não se passou uma semana, que nós se casemo logo, sem que nos ti-| vésemo juntado numa. Mas eu queria mostrá ao pai dela que não estava| dando relação ao dinheiro, e a prova é que no mesmo dia do casamento| eu fui-me embora, tentá a sorte em Joazeiro, prumode vê se fazia minha| independênça pru lá.

JÚLIO – No mesmo dia?

LUCAS – Nhor, sim, no mesmo dia. Eu vivia sentido. Percisava mos-| trá vergonha. Mas infelizmente seis mêses de amargura não chegou para| uma hora de alegria... (comove-se) praquê antes que eu amiorasse de| vida, Jerusa... morreu. Fais hoje dois ano. (silêncio) E foi assim que eu| fiquei viúvo de uma donzela. (Angélica abaixa a frente. Júlio a olha en-| ternecida e furtivamente) Bem, obrigado, nhá Angélica.

ANGÉLICA – De nada, Lucas. (Lucas sai) Pronto? Podemos fechar| agora, não?

JÚLIO – Vamos ver. (fecha a mala).

ANGÉLICA – Agora as correias. (ambos se aplicam nisso)

SILVESTRE (de fora à *Direita Alta*) – Ó Júlio?

JÚLIO – Senhor?

ANGÉLICA – Pronto. Muito agradecida.

JÚLIO – De nada, dona Angélica.

SILVESTRE (aparece da *Direita Alta*) – Ó Júlio, você já passou no ta-| belião?

JÚLIO – Já, sim, senhor. A escritura deve estar pronta às duas| horas.

ANGÉLICA – Com licença (sai à *Direita Baixa*)

Júlio – Pois não.

SILVESTRE (suspirando) – Queira Deus, meu filho, que minha si-| tuação não se agrave com estes novos compromissos. Felizmente o gado| vai-se vendendo. Olhe, ainda ontem, uns marchantes de Propriá vieram-| me propor um negócio a prazo... Êsses de que o Lucas me falou... En-| fim, a-pesar-de ser a prazo, como essa gente é séria, segundo as informa-| ções

que me deram... (O riso claro de Teresa, no interior, atalha a cena.) Ambos voltam o rosto. Teresa entra seguida de Cecília)

TERESA (chamando) – Angélica?

SILVESTRE – Que é?

TERESA (encaminhando-se rápida para a *Direita Baixa*) – Desculpe, nhô | Silvestre.

[p. 21] SILVESTRE – De nada.

TERESA – Nós vinemos falar com Angélica.

SILVESTRE – Ela está lá dentro. Entrem.

CECÍLIA (saindo) – Com licença.

TERESA – Obrigado.

SILVESTRE – Olhe, faça o favor de dizer à Angélica para pôr mais | um talher na mesa, ouviu?

AMBAS – Nhor, sim. (saem pela *Direita Baixa*)

JÚLIO – "Seu" Silvestre, não precisa ter êsse incômodo.

SILVESTRE – Ora essa!

JÚLIO – Bem, o seu desejo para mim é uma ordem. Essas moças | são amigas de sua filha, não?

SILVESTRE – São. São duas órfãs, criadas por uma tia. Moram aquí | perto. O povo diz que as mulheres são como as magabas: de uma dúzia, | uma só presta. Mas com essas duas, eu creio que o ditado se enganou.

JANUÁRIO (entrando) – Bom dia, nhô Silvestre. (Júlio levanta-se)

SILVESTRE – Oh! Bons olhos o vejam. Então vão mesmo hoje?

JANUÁRIO – Sim, senhor.

SILVESTRE – E o Oscar?

JANUÁRIO – Sim, senhor.

SILVESTRE – E o Oscar?

JANUÁRIO (olhando para trás) – Está aí. Oh! que é dêle? (vai à | porta e chama) – Oscar! (Volta-se) Viemo abraçá-lo nhô Silvestre.

OSCAR (fora) Amarra aí, Lucas.

SILVESTRE – As meninas estão lá dentro com a filha.

OSCAR (entrando) – Oh ! nhô Silvestre! O senhor estava descansan- | do há pouquinho, e eu não quis chamar... (a Júlio, de longe) Bom dia.

JÚLIO – Bom dia.

SILVESTRE – Estes dois partem hoje para o sul, Júlio. Vão tra- | tar da vida.

JÚLIO – Ah! bem. Desejo que sejam felizes. (estende a mão a Oscar)

OSCAR – Deus o ouço.

JÚLIO (no mesmo gesto a Januário) – Vão agora?

JANUÁRIO – Sim, senhor.

SILVESTRE (saindo) – Querem casar... Andam por aí malucos, | às voltas com essas meninas. Bem; vocês agora me dêem licença, que vou | aquí ao quarto... escrever ainda umas linhas ao Armando.

TODOS – Pois não.

SILVESTRE – Fiquem a gôsto (sai à *Direita Alta*)

JÚLIO – Então vão embora atrás da fortuna?

[p. 22] OSCAR (acanhado) – É... Se ela não correr muito... nós pega- | mos, não é, Janu?

JÚLIO – E vão sòzinhos, à aventura?...

JANUÁRIO – Não, senhor. Vamos com o Armando, um moço do | Sul que passou por aquí há um mês.

JÚLIO – E êle já voltou para lá?

AMBOS – Não, senhor.

OSCAR – Foi primeiro a Pernambuco e daqui a cinco dias deve | chegar à Baía. Nós agora vamo-nos encontrar com êle na Baía...

JANUÁRIO – ...para irmos juntos.

JÚLIO – Ahn! Então são muito amigos?

OSCAR – Nós? Ah! Como cara e coroa.

JÚLIO (intrigado) – Como que?

OSCAR – Como cara e coroa, sim senhor. Cara e coroa de vintém;| um está sempre ao lado do outro. Eu sou o avesso dêle. (A Janu que brin-| ca com as moedas) Ó Janu! Por fala nisto, veja se pára um pouco com| essa matraca! Você assim gasta mais depressa êses vinténs.

JANUÁRIO (obedecendo) – O senhor desculpe. Isto é hábito...

JÚLIO – Ora essa! De nada. (a Oscar) Eu... parece que conheço| o senhor. De onde, é que não estou muito certo... O senhor não é da| Capela?

OSCAR (sorrindo) – Eu? Não; o senhor deve estar enganado. Eu| sou de São Paulo moleque.

JÚLIO – Ahn! Bem!

OSCAR – Cara conhecida, não? Agora, é bem possível: do vintém a| cara sou eu.

JÚLIO (a Januário) – De certo vão cheios de esperanças! Mas por| que não se casam e ficam aqui mesmo, nesta vida simples, perto dos| parentes?... Preferem a cidade a esta vida?

JANUÁRIO (acanhado) Ah! isso era muito bom, sim, senhor. Mas| ficar aqui, como? A bobagem que a gente ganha nos empregos por aqui,| não dá para se sustentar família... E o remédio é a gente ir embora para| o sul... Que se vai fazer?

OSCAR – De mais a mais, o senhor compreende que os empregos| aqui são poucos e as encomendas são muitas. Há noivos por aí à espera de| colocação numa casa de negócio, que o senhor não imagina... Creio| mesmo que em Sergipe há mais noivos que maridos... É uma praga! Ao| menos se o govêrno pensasse no nosso sacrifício e inventasse uma penca de| empregos públicos!

[p. 23] JÚLIO – Mas o que me admira é que vão assim à sorte, para uma| cidade como São Paulo... Não levam nenhum plano pensado, ao menos?

JANUÁRIO – Nenhum, não, senhor. O Armando é que garantiu que| nos colocava. Eu, por mim, espero... que...

OSCAR – Também por mim já disse ao Janu: se no primeiro mês| não arranjar nada, ah! sento praça. Praça ou condutor de bonde.

JÚLIO – O senhor é decidido!

OSCAR (sorrindo) – Qual! Obrigado! Eu reparto o elogio com o| Janu. (aparecem à porta *Direita Baixa* Teresa e Cecília).

OSCAR – Olhe alí o motivo da viagem. (Cecília volta o rosto).

JÚLIO – Ahn! Vão por causa delas?

OSCAR – Sim, senhor. Somos noivos, isto é: eu, de Teresa, que é| aquela, e, o Janu, de Cecília, que é esta. Não repare, sabe? As duas são| um pouco matutas... Nós vamos antes que é para desbravar o acanha-| mento delas.

AMBAS (envergonhadas) – Ahn!

OSCAR – Não apertaram ainda a mão dêste moço?

TERESA – Não.

JÚLIO – Ora! Não é preciso.

OSCAR – Não, senhor, elas até fazem muita questão disso. (as duas| lhe estendem a mão). É. Elas não gostam nada de que eu diga que são| ainda um pouquinho tabaroas... mas pelo jeito não podem esconder...

JÚLIO (a ambas) – São rendeiras, não?

TERESA – Somos, sim, senhor.

CECÍLIA – Janu, você arrumou tudo? Os agasalhos também?

JANUÁRIO – Tudo. Você não se esquece de mim?

LUCAS (ao fundo) – Nhô Janu!

JANUÁRIO – Oh! Lucas!

LUCAS – 'stá na hora.

OSCAR – Pronto! Olhem, eu não quero lágrimas; chorar é de mau | agouro. (Teresa entristece).

LUCAS – Os animá estão aí na cancelinha.

CECÍLIA (indo ao fundo) – Onde? Vá, Lucas, êles não demoram.

LUCAS – É que é preciso a gente se avexá um pouquinho, senão... | (sai.)

TERESA (à *Direita Baixa* chamando) – Angélica! (baixo) Êles já vão... | embora...

OSCAR (baixo) – Teresa, olhe a visita aí; não vá dar escândalo; | Não me envergonhe, por favor.

[p. 24] SILVESTRE (aparecendo) – Olhe aquí, Janu.

JANUÁRIO – Senhor?

SILVESTRE – Você me faz o favor de entregar esta cartinha ao | Armando.

JANUÁRIO – Sim, senhor.

TERESA (a Angélica que entra) – Angélica, e sua carta?

ANGÉLICA – Ah! deixei aí em cima da mesa.

JANUÁRIO – Bem, nhô Silvestre, então até à vista. A bênção.

SILVESTRE – Até à vista, meu filho. Deus o guie.

JANUÁRIO – Obrigado. (a Júlio) Até à vista.

JÚLIO – Até à vista.

JANUÁRIO – Um criado, que para nada serve, mas em todo caso, | disponha...

JÚLIO – Passar bem. Que a fortuna o proteja e volte logo para | casar.

OSCAR – Muito obrigado. Então, às suas ordens em São Paulo; | parece que lá ficarei colocado... se não for para onde Judas perdeu as | botas, como soldado de polícia... Assim mesmo, disponha... Meu ende- | rço é na posta restante.

JÚLIO – Agradecido.

JANUÁRIO (abraçando timidamente Angélica) – Adeus, Angélica. | Você não se esqueça da gente...

ANGÉLICA – Não é preciso avisar...

OSCAR (a Silvestre) – Bem, nhô Silvestre... Então, até à volta. | A bênção.

SILVESTRE – Até à volta, meu filho. Deus o abençoe. Seja | muito feliz.

OSCAR – Muito obrigado. O senhor faça o favor de vigiar as duas, | sabe, nhô Silvestre?

SILVESTRE – Sei... Sei...

OSCAR – Quando não enxergar bem, ponha os seus óculos. Se nós | vamos passar a pão e laranja, num frio doido, lá em São Paulo, é só | por causa delas... (ficam os dois pares ao *Fundo*).

ANGÉLICA (a Oscar) – E eu não ganho um abraço de despedida?

OSCAR – Oh!

JANUÁRIO – Ah! e a mala ia ficando?

CECÍLIA – É mesmo.

JANUÁRIO – (indo buscar a mala) – Onde é que eu estava com | a cabeça!

[p. 25] CECÍLIA – (arrancando a folhinha) – Espere! Eu vou ficar com | isto como lembrança dêste dia.

ANGÉLICA (ao fundo) – Olhe, faça o favor de entregar esta carta | a êle. Guarde bem, hein?

OSCAR – Pois não. Posso pôr neste bolso, junto com os fósforos? | Não tem polvora, não.

ANGÉLICA – Oh! Oscar! Brincadeiras até nesta hora!

OSCAR – Se eu rindo, a Teresa já está chorando, imagine se eu | chorasse! Se eu chorasse, ela caía aí com um ataque. (abrindo um pouco o | envelope e dando com a flor) Ih! Que quer dizer isto?

ANGÉLICA – Que é? Quem é que pôs essa flor na carta?

TERESA – Eu não fui.

OSCAR – Olhem por onde se pega a santa! Você assim vai obrigar| o Armando a comprar um dicionário das flores, para entender os seus| recados. (abraça Angélica) Adeus, Angélica, tome a flor. Você é capaz| de não dormir por causa disto.

ANGÉLICA – Não... Não faz mal, deixe. (coloca a flor dentro do| envelope outra vez) Adeus! Até quando?

OSCAR – Até o dia 29 de fevereiro! (Alto) Adeus para todos!

SILVESTRE – Adeus! Olhem! Mandem logo notícias!

JÚLIO – Adeus!

CECÍLIA (abraçada a Janu, expressivamente). – Olhe, Janu, se| você precisar de dinheiro, mande dizer, porque eu vendo parte das minhas| rendas, sabe?

JANUÁRIO – Sei... Sei, meu bem...

TERESA – Até, Angélica.

ANGÉLICA – Até, (saem Januário e Oscar).

TERESA (alegremente) – Oh! Cecília! Que idéia! Vamos pedir a| titia para ir na garupa com êles até a Capela, hein?

CECÍLIA – É... Mas depois, a volta, como é?

TERESA – A volta? O Lucas nos acompanha. O Lucas é o pajem| dêles. Vamos. (saem correndo).

ANGÉLICA – Teresa, não deixa de falar ao Oscar sôbre aquela| pessoa...

TERESA (com voz apagada) – Como?

ANGÉLICA – Papai, eu vou até alí. (sai acompanhada pelo olhar| de Júlio).

SILVESTRE – Vá. (a Júlio). Pobres de nós, meu filho, pobres| de nós!

[p. 26] JÚLIO – Pobres por que, "seu" Silvestre?

SILVESTRE – Por que? Aquí não há recursos para que um rapaz| dêses se case... E você acha pouco isso? Se um dêles cai na infelicidade| de gostar de alguém, de se embarçar aí nas meadas de uma rendeira,| pronto! É arrumar a trouxa e sair, sair por êsse mundo afora, não para| trabalhar, que para isso não era preciso pôr o pé fora de Sergipe... Aquí| também se trabalha... Mas para ganhar dinheiro... (pausa). Está vendo| êsses dois? Parecem dois passarinhos... parecem dois passarinhos, de tão| alegres. Confiando em que? Confiando numa coisa que é mais incerta do| que a chuva para nós no verão. Dinheiro!... Mas o dinheiro não está onde| a gente procura, e muitos se enganam. Os que têm saúde, ou têm sorte,| muito bem: lutam, resistem e voltam. (num sorriso amargo). Hum! Infeliz-| mente êsses são poucos. Mas os que não têm sorte, ou não têm saúde,| coitadinhos, vão ralar a mocidade nas privações, matam de saúde essas| meninas, quando por lá não ficam num cemitério. Ah! meu filho!

JÚLIO (cabisbaixo) – É verdade.

SILVESTRE – Ah! meu filho! Eu bem sei avaliar essas coisas!| Bem sei avaliar essas coisas! É por isso que eu não gosto de ver essas| despedidas. (Ouve-se fora um estrupido surdo de cavalos que se afasta)

JÚLIO – O que admiro é essa coragem!

ANGÉLICA (aparecendo e com voz triste) – Pai, êles já vão...

SILVESTRE – Deixe-me vê-los. Ao menos um aceno... (encami-| nhando-se para a porta do *Fundo*, enquanto Angélica desce lenta e tristonha).| Ao menos um aceno... (tira um lenço do bolso) Eu... eu... não enxergo| mais... Onde vão êles? Lá perto do taboleiro? (põe-se a acenar) (Angé-| lica fica junto à janela, tapando os olhos com o lenço. Júlio aproxima-se| dela enternecidamente até tocar-lhe a espádua, num abraço levíssimo).

ANGÉLICA (surpresa) – Ah! É o senhor?

JÚLIO (tentando sorrir) – Por que chora, Angélica? Eu...

SILVESTRE (acenando) – Adeus, meus filhos! Que um anjo os| acompanhe! Eu também fui obrigado a fazer a mesma coisa... Que um| anjo os acompanhe!

SEGUNDO ATO

O mesmo cenário, à noite. Lanternas| japonesas no alpendre. Sobre a mesa,| um lampeão de querosene. Presas às| vigas do teto, pendem fitas a cuja| extremidade estão estendidas rendas,| enchendo parte da sala. Uma outra| folhinha, no mesmo lugar, marca o| dia 6 de junho. Lá fora, cintilam| vagalumes. Teresa, em pé numa| cadeira, prende às fitas numa peça| de bicos largos, que Angélica des-| dobra cuidadosamente. Cecília tra-| balha em sua almofada.

TERESA – E estes para que?

ANGÉLICA – Para os lençóis e as toalhas. Eu fiz uns lençóis de| madapolão, e estes bicos assentam bem...

TERESA – Espere! Não estique muito.

ANGÉLICA – Não. Estes bicos foram feitos com aquele desenho| que você trouxe da Capela; não se lembra?

TERESA – Ah! Lembro. Mas como ficaram diferentes! Até mais| bonitos! Quem foi que disse que você não tinha talento, hein, Angélica?

ANGÉLICA – Desça, venha ver agora um outro entremeio para as| anáguas.

TERESA (descendo) – Mas você tem ainda bordados, além das ren-| das, não tem, não?

ANGÉLICA (apontando a caixa) – Tenho sim. Os bordados estão| aqui nesta caixa. (tomando uma outra peça de renda) – Êste agora, Te-| resa! Vamos prender êste.

[p. 28] TERESA – Oh! que lindo entremeio! Assim como este eu não fiz!| (subindo à cadeira) – Mas você tem um enxoval de princesa! Isto lá em| São Paulo vai fazer barulho... vai deixar muita moça bonita embasbaca-| da! (Cecília suspira) – Ih! a saúde anda aí rondando; falei em São| Paulo, a Cecília suspirou! Não precisa avexar o Janu, não, que você vai. Por| muito feliz que êle fosse, um ano ainda é muito pouco tempo para que| êle pudesse voltar.

CECÍLIA – Eu estou vexada, mas é pelas cartas que o Lucas deve| trazer.

ANGÉLICA – Quando? O Lucas demora; êle ainda ia passar na| sôlta, a mando de papai.

TERESA – Seu pai hoje está tão esquisito... Por que será?

ANGÉLICA – Não sei... Já perguntei e êle não quis dizer o| que era.

TERESA – Quer ver que êle não anda gostando da amolação de nós| duas nos metermos aqui todo o dia?

ANGÉLICA – Credo! Papai sabe que vocês duas são as únicas pes-| soas que me alegram um pouco! Pelo gosto dêle, bem que vocês podiam| morar aqui comigo.

TERESA – Aí é que a esbodegação seria completa, hein, Angélica!

CECÍLIA – Esbodegação! Que linguagem é essa, Teresa? Você,| de uns tempos para cá, parece que está virando homem!

TERESA (ofendida) – Não comece com as suas implicâncias, Cecí-| lia. Você já me conhece e sabe que eu não engulo respostas...

ANGÉLICA – Mas que é isso, Teresa? Vá continuar o seu entre-| meio...

TERESA (resoluta) – E não engulo mesmo, pronto! Isto já vem de| longe... Então você pensa que eu não enxergo?

ANGÉLICA – Que é isso, Teresa? Sente. Vamos trabalhar...

CECÍLIA – Deixe, Angélica, deixe.

ANGÉLICA – Ih!

TERESA – Então, sou alguma boba? Não percebo? Eu é que não| vou ficar para zeladora, fazendo renda a vida inteira... Muitos bicos| para lençóis de noivos já fiz; agora chega!

CECÍLIA (com calma irritante) – Tudo isso, porque o Janu é mais| feliz do que o Oscar, lá em São Paulo. E ela está com ciúme!

TERESA (profundamente sentida) – Ah! Cecília! (leva as mãos ao| rosto, chorando) – Isto não depende da gente; nao é?... Depende de| Nosso Senhor...

ANGÉLICA – Está vendo? Está vendo? Venha cá, Teresa! Não| chore.

[p. 29] TERESA (entre soluços) – Eu... sou... sua... irmã ... Você...| não devia... fazer pouco de mim...

ANGÉLICA – Não chore. Você vai comigo, Teresa. Armando não| demora a me vir buscar...

TERESA – E você jura que me leva, Angélica?

ANGÉLICA – Juro.

TERESA (quase sorridente) – Mesmo que seja de terceira classe...

ANGÉLICA – Levo.

TERESA – Mesmo que seja para ir como sua cozinheira, Angélica...| O que eu quero é ficar perto do Oscar, porque assim o ajuda, não é?| E com a ninharia que eu receber e a ninharia que êle ganhar, poderemos| fazer alguma coisa. Duas ninharias já servem, não é, não?

ANGÉLICA – Que cozinheira! Tinha graça!

SILVESTRE (pelo *Fundo*, pensativo, de botinas, boné e taca) – Boa!

TODOS – Boa!

SILVESTRE – Vocês não foram à novena de Santo Antônio?

ANGÉLICA – Não, senhor. Preferimos ficar trabalhando no en-| xoval.

SILVESTRE – Ahn! (vai a sair à *Direita Alta*) – Que é da Cecília?

CECÍLIA – Ui! Estou aqui, nhô Silvestre.

SILVESTRE – Ah! Sua tia está chamando.

CECÍLIA (levantando-se) – Está? Obrigada. Já é tarde, são mais| de nove horas. (sai ao *Fundo*)

TERESA – Nhô Silvestre está hoje triste, logo no dia dos meus| anos... De que é?

SILVESTRE (abatido) – Estou, minha filha; não posso esconder| que estou.

ANGÉLICA (depondo-lhe a mão no ombro) – Pai está sentindo| alguma coisa?

SILVESTRE – (Sempre à porta) Não, não é doença, filha. Bem me| dizia aqui dentro qualquer coisa que eu não devia fazer negócio a prazo| com aqueles marchantes! Pela segunda vez, falha o pagamento. O da| letra do mês passado e a dêste, que se vencia hoje. O prazo era até às| seis horas da tarde, e nada! Resta o recurso do protesto, mas eu não sou| homem para essas coisas... Além disso, parece que anda uma febre má| pela sôlta... (suspira) Enfim, vamos esperar as notícias. (Tempo) Você| botou gás na candeia?

ANGÉLICA – Botei, sim, senhor. Tirei o murrão e pus outro pavio.

SILVESTRE – Bem. (tempo) – E eu, com compromissos... Mais| esta! Tratar do gado custa dinheiro. Onde é que eu vou buscar dinheiro,| [p. 30] assim de surpresa? (passando a mão pela frente, como a acalmar-se)| Hipotecar as terras? Se hipoteco, onde é que vou parar? Ai, ai! Seja tudo| pelos meus pecados! Bem, minha filha, ninguém me procurou?

ANGÉLICA – Não, senhor.

SILVESTRE (lamentosamente, saindo) – Bem, até! (sai)

TERESA – Que pouca vergonha, Angélica!

ANGÉLICA – Mas papai é assim mesmo; toda a gente para êle| é séria... Já não é a primeira vez... Põe o negócio na mão dos outros| e depois se amofina...

TERESA – Bem razão tem o Janu de ser mão fechada ... Mas| diga uma coisa, Angélica: quando o Armando vier buscar você, seu pai| vai também?

ANGÉLICA – Vai, sim. Foi no que primeiro pensei, quando co-| mecei a gostar dêle. Depois perguntei a papai se êle tinha coragem de| ir comigo, e êle respondeu que sim. Senão... eu diria ao Armando que| (enleia-se) que...

TERESA – Que não estava apaixonada?

ANGÉLICA – Naturalmente.

TERESA – E ficava sofrendo?

ANGÉLICA – Então? Guardava o segrêdo.

TERESA (suspirando) – Qual! Eu é que não dava para essa es-| pécie de paixão! Se titia fizesse questão de não se separar de nós e o| Oscar estivesse no mesmo caso, eu dizia: – Não, minha flor de inhame,| você fica. Fica porque eu não posso ir. Arranje aí um emprêgo de maga-| refe, de vaqueiro, de puxador de cana no engenho, mas fique. Ora essa!| ANGÉLICA – Mas se êle fosse de fora e sua tia nao deixasse você| ir?

TERESA – Ah! Aí... eu fugia.

ANGÉLICA – Não dúvido. Você é maluca!

TERESA – Ah! Pelo Oscar, eu faço até mais, se for preciso!

LUCAS (aparece ao *Fundo* vestido de couro, com duas caixas) – Boa!

AMBAS – Boa!

ANGÉLICA – Espere aí, Lucas; papai quer falar com você (à| porta *Direita* chamando) – Papai!

TERESA – Trouxe cartas, Lucas? Que embrulhos são êsses, hein?

SILVESTRE – Ó Lucas! Seja bem vindo! (Angélica sai à *Esquerda*) –| Então, que me conta?

LUCAS (fica indeciso sem saber a quem atender primeiro; depois| a Teresa) – Nhá é moça, pode esperá, não é não? (depõe uma carta e| as caixas na mesa)

[p. 31] TERESA – Oh! que bom! Então vou chamar Cecília! (sai correndo| pelo fundo)

SILVESTRE (tornando ao centro) – Mas anda, Lucas; estou aquí| vexado p'ra saber o que há lá pela sôlta!

LUCAS – Ah! Nhô Silvestre! Nao há percisão dêsse desconôlo!| É a doença das unha mesmo, que está dando no gado, mas por flicidade| deu só em dois garrote. Quando cheguei, já o Migué tinha apartado os| dois lá no pasta do fundo. O resto não há perigo.

SILVESTRE (que o escuta interessadamente) – Mas não deu em| mais nenhum? O gado não corre perigo mesmo, Lucas?

LUCAS – Ó Nhô Silvestre! Acredite no meu dito. Eu posso| não entendê das outras coisa, mas de boi, bicho que eu trabaio desde| menino, entendo. Não é farromba...

SILVESTRE – Já sei, já sei...

LUCAS – Agora... o Migué é que está derrubado de cama. Pa-| rece que apanhou a febre...

SILVESTRE – Que febre? Você não sabe que a febre aftosa só| dá no gado? Bem, deixe de assombros. Você me tirou um pêso do cora-| ção. Amanhã cêdo, vamos à sôlta, juntos. Vamos levar todo o gado de muda| para a sôlta do Jupιά, entendeu?

LUCAS – Nhor, sim.

SILVESTRE – Toda a cautela é pouca. Às cinco horas, de pé!| Quanto mais cedo, melhor.

LUCAS – Nhor, sim. (tempo) Nhô Silvestre, eu vim pedí um| favô a vosmicê... Uma licença para hoje...

SILVESTRE – Licença para que? (Angélica passa da *Esquerda* para a| *Direita Alta* com o cofre).

LUCAS – Licença para tirar um samba. Hoje fizeram uma casa| de sopapo alí na beira da estrada e êles vinheram me chamá p'ra sê o| tiradô do samba.

SILVESTRE – E você não dorme? Olhe que nós temos de andar| muito amanhã!

LUCAS – Quá! (Angélica aparece à *Direita Alta*) Isso c'um calço da pura| não é nada! (a Angélica) – Ahn! nhá Angélica! Nem a propósito: a| "Mimososa" é que nem a fulô do pasto: foi a premêra que o Migué pôs| de resguardo.

ANGÉLICA – Ainda bem.

LUCAS – Nhá nem imagina como eu ia com o tento nela no cami-| nho. Também quando sube, que ela estava salva, pouco me importei com| o resto... P'ra mim, todo o gado podia ter morrido...

ANGÉLICA – Credo!

[p. 32] SILVESTRE – Deixe de patacoadas, Lucas! Vá-se embora. Di-| virta-se.

LUCAS – Nhor sim, já vou. (a Angélica) Nhá sabe de uma coisa| que eu ouvi lá na Capela?

ANGÉLICA – Não. Que foi? (Cecília e Teresa entram ofegantes| pelo fundo).

TERESA – Ui! Fui e vim correndo, chamar a Cecília!

CECÍLIA – Que é das cartas?

LUCAS – Sube lá na Capela que chegou no trem um moço daqui| de Dores.

ANGÉLICA e TERESA – Um moço?

CECÍLIA – Querem ver que e o Janu? Mas qual! Não pode ser.| Deve ser o Armando, não, Angélica?

LUCAS – Eu não tive tempo de saber direito, não senhora. Mas| se for nhô Armando... se nhô Silvestre me deixá ir também pr'o sul...

SILVESTRE (saindo) – Que é que você pretende fazer lá?

LUCAS (convencido) – Ué! Lá não tem vacas? Não tem bois?

SILVESTRE (sorrindo) – Está você bem arranjado. Ate amanhã.| (sai)

TERESA (rindo) – Gente, a mania está pegando. Até o Lucas!

LUCAS – Ué! nhá! E praque não? Não sou de carne e osso, tam-| bém?

ANGÉLICA – Você ainda se esquece do samba, Lucas. Você é| muito esquecido. Vá embora!

LUCAS – Já vou, sim, senhora. Então... Até minhã. (sai ao *Fundo*)

ANGÉLICA – Ate amanhã. (abraçando Teresa) – Teresa, deve| ser o Armando! Deve ser o Armando, que vem me buscar, Teresa!

TERESA – É sim; êle disse que vinha em junho.

CECÍLIA (junto à mesa) – Gente, olhe a carta aquí! E dois em-| brulhos! (parando súbitamente) – Ah! uma carta só... para Teresa!

TERESA – Ah! (beija a carta) – Carta de meu bem! (abre-a| aflita) Que será que êle me manda dizer? Que será?

ANGÉLICA – Olhe, Cecília, para mim... Esta caixa é para mim.| Esta é de Teresa.

CECÍLIA – De Teresa? Ahn!

ANGÉLICA – Para você não veio nada, Cecília.

CECÍLIA (tristonha) – É. Não veio.

TERESA (enquanto Angélica desembrulha a caixa) – Olhe aquí| Cecília. (lê) – "Santos, 28 de maio" – (Ah! de Santos! Como é isso?) [p. 33] O Oscar agora está em Santos?) – "Teresa, minha flor de maxixe: mui-| ta saúde é o que desejo. Arranjei uma colocação de primeira ordem nu-| ma casa de despachos daqui. O Janu continua em São Paulo, brincando| com níqueis de tostão e fazendo economia. Eu e o Armando resolvemos| mandar presentes para vocês, idéia com que o Janu não concordou, di-| zendo que não ia na onda..."

CECÍLIA – Ah! Eu não queria nada mesmo! 'Stá 'í.

ANGÉLICA – Olhe, Teresa! O seu presente e um corte de vestido| de seda!

TERESA – Oh! que lindo!

ANGÉLICA – Agora vou abrir o meu.

TERESA – Coitada de Cecília! Não ganhou nada, não? Você quer| êsse vestido, Cecília?

CECÍLIA – Não. Leia. Continue. Não sei porque o Janu desta vez| não me escreveu...

TERESA (rindo) – De certo para economizar tinta... Bem (lê)| "Você e Angélica vejam qual é o presente mais bonito, porque um não| sabe o que o outro mandou." (Você já viu o seu, hein, Angélica?)

ANGÉLICA – Estou abrindo.

TERESA (lendo) – "Talvez por volta de São João vocês vão ter| uma surpresa melhor..."

ANGÉLICA (tirando um par de asas brancas da caixa) – Oh! Um| par de asas!

TERESA – Um par de asas!

ANGÉLICA (achando um bilhete) – E um bilhete. (lê) – "A in-| finita saúde do Armando". (mira-o enternecida, beija-o e põe-no den-| tro do seio) – Meu amor! Eu o espero, meu amor!

TERESA – Mas o que é que o Armando quis dizer com êsse par-| de asas?

CECÍLIA – Naturalmente que Angélica é um anjo. Já o nome-| está mostrando.

TERESA – Mas que lembrança do Armando! É, sim. Quer dizer-| que você é um anjo sem asas.

ANGÉLICA (apertando-as ao seio) – Meu bem! Que saúdes eu-| tenho de meu bem!

SILVESTRE (do interior, à *Direita Alta*) – Angélica!

ANGÉLICA – Senhor!

SILVESTRE (aparecendo com o cofre na mão) – Angélica, minha-| filha...

TERESA – Bem, Angélica, vou mostrar a carta e o vestido a titia.

[p. 34] ANGÉLICA – Sim.

TERESA – Vamos, Cecília?

CECÍLIA (tomando a caixa) – Vamos. Até.

TERESA e ANGÉLICA – Até. (Teresa e Cecília saem pelo *Fundo*)

SILVESTRE – (comovido) – Minha filha; tome o seu cofre, mi-| nha filha; tome o seu dinheiro... Muito obrigado. Então você teve aca-| nhamento de me entregar? Foi precise deixar o bilhete no meu quarto?| Muito obrigado, minha filha...

ANGÉLICA (já perto dêle) – O pai não disse que precisava man-| dar chamar o doutor, para ver a doença do gado?

SILVESTRE – (afagando-lhe a cabeça) – Disse, mas felizmente não-| é mais preciso, minha filha... (depõe o cofre na mesa) A febre só ata-| cou dois novilhos, o gado todo está salvo... Guarde o seu dinheirinho,| já que não lhe posso dar um dote... O Armando não deve demorar por-| aí e, depois, o que é que você leva para a sua casa, minha filha? Você até-| me comoveu com essa idéia... Também eu já sabia que você tinha um-| coração assim.

ANGÉLICA – Não fiz mais que o meu dever, pai...

SILVESTRE – Pois cumprir o dever com alma... é que é raro,| minha filha.

ANGÉLICA (titubeante) – Pai, eu queria perguntar uma coisa-| ao senhor...

SILVESTRE – Que é, minha filha?

ANGÉLICA – O senhor não tem recebido cartas do Armando, não?

SILVESTRE – Tenho. Os bilhetes que lhe mostro. Por que?

ANGÉLICA – Êle não lhe escreveu nada a meu respeito?

SILVESTRE (intrigado) – A seu respeito? Como?

ANGÉLICA (triste) – Ele não me escreve... Só agora recebi um-| bilhete dêle... e para o senhor tem chegado tanta carta!...

SILVESTRE – Mandando lembranças, simplesmente... Você não-| tem lido? Mas por que faz essa pergunta?

ANGÉLICA (baixando a frente) – Parece que êle se arrependeu...

SILVESTRE – Mas, se arrepender como, minha filha? Sem pre-| têxto?

ANGÉLICA – Sem pretêxto, não, senhor. Êle teve um caso infe-| liz lá no sul.

SILVESTRE – Mas isso não quer dizer nada, minha filha... O-| Armando é um moço sério... Conheci a família dêle, quando estive no-| sul... Êle não disse que vinha (lança um olhar à folhinha) por volta-| desta época?

[p. 35] ANGÉLICA – Disse, sim, senhor. O Lucas até acaba de nos con-| tar que chegou um moço do sul à Capela. Eu penso que deve ser êle...| Mas não sei... Tenho um pressentimento...

SILVESTRE – Pressentimento de que, minha filha?

OSCAR (dentro) – Salve! – (ambos se voltam surpresos)

OSCAR (pelo fundo, bem vestido, de perneiras e com uma pequena-| mala de viagem na mão) – Salve!

SILVESTRE e ANGÉLICA – Oh!

OSCAR – A bênção, nhô Silvestre!
SILVESTRE (abraçando-o) – Mas que milagre é êsse?
OSCAR – Boa noite, Angélica. (abraça-a levemente) Surprêsa! A| surprêsa de São João!
Teresa não recebeu minha carta?
ANGÉLICA – Recebeu. Olhe aí o presente de Armando.
OSCAR (falando depressa) – Mas só agora! Quantos dias! Quase| que chega o susto antes do aviso! Que é da minha flor de maracujá?
ANGÉLICA – Saíu.
OSCAR – Vinha certo de que ela estava aquí. Mas como vão todos?| Como vai, nhô Silvestre? O seu gado esté passando bem?
SILVESTRE – Eu e o gado vamos bem, obrigado.
OSCAR – Estimo. Oh! mas que suplício é viajar nessa estrada de| ferro! Venho com os miúdos fora do lugar. Sabe, nhô Silvestre? A sorte| me protegeu! Felizmente! Hoje estou ganhando 800\$000 numa casa de| despachos em Santos. Agora, conseguí arranjar licença, mas só por| um mês, de maneira que não demoro. – Desculpem se eu falar uma hora| inteira, mas é porque fui obrigado a fazer toda a viagem mudo, com| cinqüenta coronéis jagunços que tomaram o trem na Baía. – Ah! Mas| "seu" Silvestre, não imagina o frio que faz em São Paulo!
OSCAR – Ah! Angélica, parece que eu não lhe disse que venho| me casar até o São João! O Janu deve aparecer também por estes dias. | Eu não o quis esperar, porque senão êle me obrigava a vir como baga-| gem, por economia.
ANGÉLICA – E Armando?
OSCAR (ofegante) – Ah! É mesmo! Muitas lembranças dêle. (muito| longe, a voz de Lucas canta um samba que se prolongará até o fim do ato. | Oscar emudece. Pausa, depois ri) – Olha o Lucas! Ai que saúde de| um sambinha! (bate o pé, cantando o estribilho da dança) Adeus, nhô| Silvestre! Adeus, Angélica! Vou ver onde anda minha flor de gravatá. | (aproxima-se da porta ao *Fundo*)
JÚLIO (ao *Fundo*, descobrindo-se) – Boa noite! Oh!
[p. 36] OSCAR (rápido) – Oh! Como passa o senhor? Esta bonzinho?| Entre. Eu vou saindo. Isto aquí parece o desvio de Buquim. Mas não| repare. Eu tomei um pileque de alegria. (sai)
SILVESTRE (sorrindo) – Êsse rapaz está maluco!
JÚLIO (cumprimentando) – Boa, "seu" Silvestre.
SILVESTRE – Boa, Júlio. A estas horas por aquí?
JÚLIO – Sim, senhor. Desculpe o incômodo.
SILVESTRE E ANGÉLICA – Ora!
JÚLIO (tímido) – Boa noite, dona Angélica.
ANGÉLICA – Boa noite.
SILVESTRE (sorrindo) – Êsse menino virou busca-pé de tão con-| tente! Também não é para menos, coitado! Afinal a gente nem teve tem-| po de perguntar pelo Armando, saber como vai, quando vem, nada!| Ó Júlio, sente. Você não deixa a cerimônia nesta casa!
JÚLIO – Muito obrigado, "seu" Silvestre.
SILVESTRE – Olhe, meu filho, eu quero pedir um favor a você.
JÚLIO – Às suas ordens.
SILVESTRE – Amanhã preciso acordar cedo para ir à sôlta fa-| zer a mudança do gado para outra sôlta.
JÚLIO – Sim, senhor.
SILVESTRE – Você me dá licença que me recolha ao quarto, para| ver se descanso um pouco... Como você é pessoa do nosso coração... este-| ja a gôsto... Boa noite.
JÚLIO – Boa noite, "seu" Silvestre. Eu também não demoro, vinha| avisar o senhor que amanhã vou para a Murta e talvez de lá volte para| a Baía...
SILVESTRE – Ah! É? E quando embarca?
JÚLIO – Daquí a três dias, provàvelmente.

SILVESTRE – Ahn! Bem! Antes disso eu irei até lá ainda, visi-| tar sua mãe, que há muito tempo não vejo. Talvez amanhã mesmo, quan-| do voltar da sôlta... Sou obrigado a passar por lá. – Então, boa.

ANGÉLICA – A bênção, pai. (dando-lhe o cofre) O senhor pode| guardar isto p'ra mim?

SILVESTRE – Pois não, filha. Deus a abençoe. Vamos ver se| deitando agora consigo dormir umas horas. Até amanhã. (sai à *Direita Alta*)

JÚLIO – Até amanhã. (silêncio de expectativa. Angélica sem olhar| para Júlio, chega-se à mesa junto à qual êle está sentado e põe-se a em-| brulhar o presente)

ANGÉLICA – Então o senhor vai deixar Sergipe de novo?

[p. 37] JÚLIO – Sim, senhora; depois de ano e meio, quase. Vou obede-| cer à vontade de mamãe, entrando para o Seminário maior... (tempo)| Você estava estendendo suas rendas...

ANGÉLICA – Ah! Mas já acabei. Era para mostrar à Teresa.

JÚLIO – ...e eu parece que a interrompi.

ANGÉLICA (meigamente) – Não, senhor, (tempo)

JÚLIO (num enleio) – Angélica perdoa-me uma indiscrição?

ANGÉLICA – Ora! Perdôo, sim, senhor. Qual é?

JÚLIO – Ainda é... noiva?

ANGÉLICA (a mêdo) – Sou, sim, senhor.

JÚLIO (angustiado, espaçando as frases) – Ah! Desculpe fazer-| lhe essa pergunta. Ouí dizer que você ia se casar depois de seis meses| e já faz um ano... Eu pensei...

ANGÉLICA – Armando ainda não veio, mas há de vir por todo| êste ano.

JÚLIO (levantando-se) – Bem. Então... desculpe, Angélica.

ANGÉLICA – Olhe! (pausa, abaixa o rosto) – Eu tenho pena do| senhor, sabe?

JÚLIO (num sorriso amargo) – Pena? É possível... É possí-| vel... Você é de uma candura, de uma pureza que me comove. O que| sinto é ter chegado tarde, Angélica. Eu seria feliz se fosse amado por| si... Creio que não soube esconder a afeição que você me despertou,| nas visitas que fiz a esta casa, mas, também, esconder de que maneira?| Eu não podia olhar os seus olhos, com mêdo de lhe denunciar a minha| paixão, com mêdo de que você também me estivesse querendo bem...| Era uma ilusão, sim, mas confesso que pensava nisso...

ANGÉLICA – Mas por que o senhor não procura outra moça?| (comovidamente) Acredite que eu tenho pena do senhor... O senhor| precisa de alguém que o estime, alguém que poderia ser eu, se não esti-| vesse comprometida. Não vá, "seu" Júlio. Fique. Olhe, espere mais alguns| meses. Há muita moça mais carinhosa do que eu aquí em Dores, na Ca-| pela... (tempo) A gente deve ser constante, não é? Senão, que valia| querer bem? Depois, Armando jurou que não me esqueceria... Creia,| "seu" Júlio, que eu tinha vontade de lhe querer bem, mesmo porque... o| senhor é triste... triste como o Armando.

JÚLIO (tomando-lhe as mãos) – Mas por que resistir, Angélica? Eu| adivinho a sua afeição por mim... Ela vem numa aurora, que você ten-| ta encobrir inútilmente aos meus olhos. Sim, é por timidez que você não| se declara... Que mais espera? Você já está esquecida, Angélica. Depois,| você não nasceu para viver numa grande cidade... São Paulo é um| fantasma. Dá-me arrepios pensar na sua inocência entre as insídias dêsse| [p. 38] monstro... E por isso abandona seu pai? (Ela, que mantivera o rosto| voltado, encara-o, dominada) Fique, Angélica. Viveremos em nossa terra...| (e segura-lhe a cabeça para beijá-la)

TERESA (aparece de súbito ao fundo e grita) – Aqui! Aqui! Êle| entrou! (corre à mesa e abaixa a torcida, apagando o lampeão) Com li-| cença, é um instante só. (No primeiro plano, preso a uma renda luciluz| um vagalume. Ela vem à boca de cena procurando-o) Com licença, An-| gélica, quero... ver... se acho... o vagalume... (dando com êle) Está| aquí, pronto, está aquí. "Seu" Júlio, faça o favor de acender o lampeão. | Pronto.

JÚLIO – Pois não. (risca um fósforo e obedece-a. A cena ilumina-se| de novo. Angélica esta cabisbaixa)

TERESA – Desculpe, "seu" Júlio. Eu quis pegar lá fora e êle fugiu| aqui p'ra dentro. Apaguei o lampeão, porque no escuro achava mais de-| pressa. Que é isso, Angélica? Passe aquela cadeira alí p'ra mim. (perce-| bendo o mistério) – Olhe, "seu" Júlio, o senhor não embarce o coração da| Angélica, hein, veja lá! Não embarce, não, que leva taboca. (Júlio| encabula).

ANGÉLICA (salvadoramente) – Você vem de sua casa, Teresa?

TERESA – Venho; depois fui dar uma espiadela na igreja.

ANGÉLICA – Então não sabe quem chegou?

TERESA (admirada) – Não!! Quem?!

ANGÉLICA – O Oscar! Agorinha mesmo!

TERESA (num transbordamento) – Virge! Por que não me disse| antes de apagar a luz?
(sai correndo pelo *Fundo*)

JÚLIO (depois de pausa, estendendo a mão a Angélica) – Passar| bem, Angélica.

ANGÉLICA (friamente) – Passe bem.

JÚLIO (retirando-se, indeciso) – Em todo caso... esperarei três dias| ainda no engenho. Se você... por acaso... quiser... lá estou; é só| escrever, Angélica. Se não, tomarei o seu silêncio como uma sentença, e| voltarei. (ouvem-se as vozes alegres de Teresa e Oscar)

ANGÉLICA – Passar bem, "seu" Júlio.

TERESA (enamoradoamente, aparecendo ao *Fundo* com Oscar) – Mas| que saúde, Oscar! Por que você não avisou?

JÚLIO (à porta) – Boa noite, senhor Oscar!

OSCAR – Oh! boa noite, "seu" Júlio.

TERESA – Boa noite. Até amanhã.

ANGÉLICA – Entrem. Eu vou levar "seu" Júlio até à cancelinha...| (sai com Júlio).

[p. 39] OSCAR – Pois não. Nós ficamos sòzinhos... É isso mesmo que nós| queremos, não é, Teresa? (cômicamente espia com Teresa para fora, como| a esperar que se afastem; sorriem). Teresa, minha flor de malícia!| (abraçam-se).

TERESA – Oscarzinho do fundo do meu coração!

OSCAR (forçando um beijo) – Ó Teresa, deixe-se de luxo! Você| está morta por isso!
(beija-a).

TERESA (envergonhada) – Ah! Eu, não. Isso é idéia sua!

OSCAR – Recebeu o corte de vestido?

TERESA – Recebí, obrigada. Mas conte, Oscar! Como foi isso? A| viagem; como é São Paulo; o Janu como vai; o seu novo emprêgo...

OSCAR – Bem, mas contar tudo de uma vez é impossível...

TERESA – Quando você chegou, eu estava na igreja, sabe?

OSCAR – Sei.

TERESA – E o Janu vem?

OSCAR – Vem até o fim do mês. Êle faz questão de nos casarmos| juntos. Precisamos combinar com Cecília o dia certo. Eu e Janu marcámos| para a vespera de São Pedro. O Janu é quem teve essa lembrança, que| é porque assim se economizam os doces!

TERESA (abraçando-o pelo pescoço) – Meu Oscarzinho! No dia dos| meus anos!

OSCAR (engasgado) – Minha flor de sabugueiro!

TERESA – Você já falou com titia?

OSCAR – Já.

TERESA – Mas é bom não demorar muito aqui. Você não está| com fome? Lá em casa tem ainda um cuscús de milho e mingau de| puba, que sobrou da ceia. Mas conte, Oscar; como é São Paulo? E Santos,|

hein? É bonito?

OSCAR (sorrindo) – Boba! Eu preferia ficar aqui em Dolores!

TERESA – E a garoa, hein? Como é?

OSCAR – Como é? Espere. Deixe eu procurar uma frase... (levanta| os olhos e dá com as rendas). Ahn! A garoa é como isso... como essas| rendas ...

TERESA – Ah! É assim? Bem, e o Armando, hein?

OSCAR (como a esconder um segrêdo) – Armando? (Pausa)| Angélica não tem sentido falta de cartas dêle?

TERESA (numa inquietude) – Não, por que? Que aconteceu?

OSCAR – Coisas da vida... (num suspiro). Pobrezinha de Angé-| lica! Não sei como lhe dê essa notícia... (resoluto). Você, por êste meu| suspiro não a vá pôr aflita, hein!

[p. 40] TERESA (penalizada) – Vexada?... Não! Que esperança!

OSCAR – Vexada? (esboça um riso). Você não me vá saltar êsse| "vexada" lá no sull! Diga: aflita, ansiosa, outra palavra qualquer, mas| êsse vexada é que não. Assim como não me vá largar nenhum "nhor, sim,"| "nhor, não" por lá. Veja se isto tem propósito: chega um amigo meu| e pergunta a você: – "Minha senhora, gostou do Guarujá?" – E você res-| ponde: – "Eu? Nhor, sim..." – Isso é preguiça de falar: sim, senhor;| não, senhor; isso é que é linguagem de gente... Vocês têm de ir daqui| civilizadas, porque de minha parte não quero assistir a ratas...

ANGÉLICA (entrando pelo *Fundo*) – Mas Oscar, você não me disse| ainda uma palavra a respeito de Armando. Não trouxe nada para mim, não?

OSCAR (numa confusão) – Ah! não... Mas êle não se esquece| de você. Primeiro, quando eu trabalhava em São Paulo, estávamos sempre| juntos; mas agora vivo em Santos... Você não recebeu um presente dêle?

ANGÉLICA – Recebí.

TERESA – Um par de asas brancas, Oscar. Imagine!

OSCAR – O Armando é um homem que vive num mundo ideal...

ANGÉLICA – (misteriosa) – E êle não lhe falou nunca mais nessa| Leonor?

OSCAR (prontamente) – Qual! Nunca mais! Passou uma esponja| por cima do caso.

ANGÉLICA (vivamente interessada) – E você a conheceu, Oscar?

OSCAR – Conhecí. Conhecí numa noite, de passagem, na rua...

ANGÉLICA – Ahn! E é bonita?

OSCAR (sorrindo) – Para que você me pergunta? Você sabe que eu| não posso dizer a verdade! Se disser que é bonita, você fica aí com| ciúme do Armando; se disser que é feia, você desconfia...

ANGÉLICA – Não, qual! Eu sou indiferente a isso!

TERESA – Muito! Está-se vendo!

ANGÉLICA – Mas olhe, Oscar: você não sabe se os dois se encontram?| Se ainda se...

OSCAR – Isso não sei, não; só sei que ela e a mãe caíram na| miséria...

ANGÉLICA – Na miséria?!

OSCAR – Então! que espanto é êsse? Da pobreza à miséria...| (mostra a ponta de um dedo) vai a distância assim de uma unha. Que idéia| vocês fazem da vida no sul? Também não adianta nada explicar! Vocês não| entendem os termos de lá! Vocês não sabem o que é média, não podem| entender! Há muita gente boa que vive só de médias...

[p. 41] TERESA – Uma coisa, Angélica: Vamos até em casa? Vamos, é um| pulo! Oscar nem conversou direito ainda com titia.

OSCAR – É. Vamos. A velha é tia, mas faz de conta que é sogra.| Vamos Angélica. (Vão saindo).

ANGÉLICA – Bem, mais dois minutos só, porque não fica ninguém| em casa. (A Cecília, que aparece ao *Fundo* sobraçando uma caixa). Vamos,| Cecília?

CECÍLIA – Aonde?

TERESA – Em casa. (Saem todos, menos Cecília)

CECÍLIA (no alpendre, chamando) – Teresa!

TERESA (reaparece) – Ui! Que é?

CECÍLIA (tornando à cena, numa perturbação) – Uma coisa!| (depondo a caixa na mesa) 'Stá aí, Teresa. Pode ficar com o enxoval.

TERESA (surpresa) – Ficar com o enxoval!!! Que é isso?
CECÍLIA (chorosa) – Você não se lembra da aposta? Pois então! O Oscar chegou primeiro... Eu vim cumprir minha palavra...
TERESA – Mas...
CECÍLIA (rompendo em soluços) – E eu quero... também ... que| você me perdoe...
TERESA – Que é, Cecília? Perdoar o que?
CECÍLIA – O que lhe disse...
TERESA – Que foi que você me disse? Não chore!
CECÍLIA – Eu fiz pouco de você...
TERESA (comovendo-se) – Não, minha irmã; guarde o seu enxoval,| leve. Você não disse aquilo por mal...
CECÍLIA (soluçando sempre) – Não, não disse...
ANGÉLICA (dentro) – Teresa!
TERESA – Ui! Já vou! (a Cecília) Vamos, Cecília, leve o seu| enxoval. (entrega-lho) Vamos embora.
CECÍLIA – Muito obrigada.
TERESA (esforçando-se por sorrir) – Qual, obrigada! Também| você! A gente nem se pode doer de uma coisa que você diga... derrete-se| toda... (Cecília sai) Vá, que eu já vou. (ela corre à mesa, tira uma flor| do vaso, encaminha-se para a santa, suspensa à *Direita*, posta as mãos, olhando| comovidamente o quadro, limpa uma lágrima na manga da blusa).
A VOZ DE CECÍLIA – Teresa!
TERESA (desfolha a flor aos pés da santa) – Já vou... (sai).

[p. 42] [p.43] CAI O PANO

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário, sem as rendas que| atavam no ato anterior. As almo-| fadas de Teresa e Cecília na mesa;| a de Angélica, armada à esquerda.| A folhinha marca o dia 30 de junho.| Ao fundo, pela porta e pela janela,| ver-se-á claramente cair um cre-| púsculo violáceo. Angélica faz ren-| da; Cecília conversa com ela de pé,| junto à mesa. Veste um vestido| escuro e blusa clara, extremamente| singelos, e revela nos modos um| certo ar de orgulho por causa do| chapéu de palha de abas largas,| apenas enfeitado com uma fita côr| de rosa)

CECÍLIA – Mas, assim, não. Também um casamento assim eu não| queria! Um corre-corre, uma atrapalhão, um chamego, a casa sem se| arrumar direito; pessoas que nós tínhamos o dever de convidar e não| convidámos; tudo mal feito, tudo vexado... (tapa incontinenti a boca com| a palma da mão e arregala os olhos) Chi! O Oscar não quer que a gente| fale mais como nortista! É mesmo!

ANGÉLICA – E você ainda se queixa!

CECÍLIA – Não... queixar-me, não. O que eu acho é que podia ser| melhor...

ANGÉLICA (abandonando o serviço e suspirando) – Não estou hoje| com a menor disposição para trabalhar... Venha cá, Cecília.

CECÍLIA – Que é?

[p. 44] ANGÉLICA – Pegue alí aquela cadeira, que eu quero dizer uma| coisa a você.

CECÍLIA (obedecendo e sentando-se perto dela) – Que coisa séria é| essa, Angélica?

ANGÉLICA (lançando um olhar rápido à porta) – Olhe, Cecília,| você me vai fazer um grande favor...

CECÍLIA – Pois não.

ANGÉLICA – Quero que, quando você chegar ao sul, arranje um| meio de saber com certeza porque é que o Armando esta demorando tanto.

CECÍLIA – Mas o Janu já não disse a você que é porque êle| viajou? Que foi para o interior?

ANGÉLICA – Sei... sei... Disse, mas eu não creio que seja por| causa disso. É tempo demais, Cecília! Armando não me escreve há mais de| três meses! Só aquele bilhete, que veio com o presente. Antes disso, nada;| nem uma linha, e eu desconfio que êle esteja guardando um segredo para| não me desiludir.

CECÍLIA – Ora, Angélica, isso é o que você pensa...

ANGÉLICA – Porque há motivo para isso. O que eu lhe peço,| Cecília, é que trate de saber a verdade.

CECÍLIA – Sim.

ANGÉLICA – Veja se consegue saber tudo e me escreva, entende?| Mais tarde, mais cedo, você há de saber do que se está passando com êle.| (entristece) Para mim... êle está preso de novo a essa Leonor...

CECÍLIA – Não se aborreça, Angélica; descanse. Logo que saiba de| qualquer coisa...

ANGÉLICA (confidencial) – Olhe, Cecília, você não me está escondendo nada, não? O Janu não lhe disse nada a respeito do Armando?...

CECÍLIA – Não. Se dissesse... eu...

ANGÉLICA – Jura pela nossa amizade?

CECÍLIA – Pela nossa amizade, Angélica. Não era preciso jurar. Se| êle me tivesse contado alguma coisa, eu lhe diria.

ANGÉLICA (levantando-se, numa interrogação dolorosa) – Mas| então... por que será? Por que não me diz com franqueza que se arre-| pendeu? Por que não me diz? (vai em comovente crescendo) Eu vivia em| paz aquí em casa... fazendo as minhas rendas para o casamento das| outras, sem ninguém que me quisesse, é certo – sem ninguém que me| achasse bonita, que me achasse boa, mas em paz – isso é que é verdade.| Você se lembra, Cecília? Êle se punha aí na rede, sem dizer uma palavra;| depois, pedia licença para sentar aquí, junto da almofada, e ficava uma| porção de tempo a olhar para as minhas mãos... a olhar para as minhas| [p. 45] mãos... Parecia que estava sonhando... Você não o encontrou assim| muitas vezes?

CECÍLIA – Encontrei.

ANGÉLICA – Então? A gente também tem alma, não é? Uma noite,| papai foi-se deitar cedo, e nós dois ficámos sòzinhos aquí na sala: eu,| trabalhando e, êle, perto de mim. Começámos a conversar em voz baixa,| para não acordar papai, e por acaso eu perguntei: – "Diga uma coisa,| "seu" Armando; por que é que o senhor é assim tão tristonho?..."

CECÍLIA – E o que foi que êle respondeu?

ANGÉLICA – Não respondeu; ou por outra, respondeu com esta| pergunta: – (imitando-o) "A senhora já ficou apaixonada?"

CECÍLIA – E depois? Que disse você?

ANGÉLICA – (inocentemente) – Depois?... eu... comecei a| pensar na pergunta...

CECÍLIA – Ahn! E o caso de Leonor, como foi?

ANGÉLICA – Êle me contou na outra noite. Mas aí, quando êle| acabou de contar tudo o que aconteceu, e o que tinha sofrido por causa| dela, não sei, Cecília, não sei explicar o que sentí; tive pena dêle; pena e| ciúme ...

CECÍLIA (imediatamente) – Pronto! Tinha caído no laço.

ANGÉLICA – Mas eu bem disse a êle que não. Não, porque eu já| desconfiava de que êle nunca a poderia esquecer. Você não imagina com| que sentimento êle pronunciava o nome... dela! Não: o desprezo a gente| não esquece...

CECÍLIA – Mas não é caso para desanimar, Angélica. Se êle deu| a palavra de que vinha...

LUCAS (entra pela *Direita Baixa* grotescamente vestido de brim; as botinas| grosseiras são-lhe um estôrvo; o colarinho torto, um suplício; o chapéu| de palha, um remate ridículo ao vestuário. Traz um baú na mão) – Boa,| nhá Angélica. 'Stou aquí pronto!

ANGÉLICA – Ahn! Lucas! Boa.

Até.
 CECÍLIA – Bem, Angélica, eu já vou. Descanse, que não me esque-| cerei do seu pedido.

ANGÉLICA – Não, Cecília, espere mais um pouco. É o último dia| que nos vemos; fique.

CECÍLIA (que ia a sair) – É mesmo, Angélica. (expressivamente)| Quem sabe se nunca mais nos vemos!

LUCAS (a Angélica depois de depor o baú na mesa) – Ah! Tenho| um recado p'ra sinhá!

CECÍLIA – Lucas anda sempre com a cabeça no ar; no fim de| tudo, êle sempre tem qualquer coisa que se esqueceu de dizer.

[p. 46] LUCAS – É. Mas é bom nhá não começá com as implicações porque| senão me embaraíam as idéia, e eu me esqueço outra veis.

ANGÉLICA – Mas afinal que é, Lucas?

LUCAS – É um recado dêsse moço que vinha aquí quase toda a| semana.

ANGÉLICA – Que moço?

LUCAS – Êsse moço da Murta.

ANGÉLICA (sem poder conter a surpresa) – Júlio?

LUCAS – Sim, nhá.

ANGÉLICA – Quando?! Quando é que êle mandou o recado?

LUCAS – Quando vim com o Migué da sôrta.

ANGÉLICA – Mas quando?

LUCAS – Ante ontem, de minhã.

ANGÉLICA – Ante-ontem?

CECÍLIA – É impossível! Isso é mentira.

LUCAS (ferido, em tom sério, fechando a cara) – Nhá! Eu não| minto! (pausa)

Descurpe, nhá. Eu sou um bruto.

ANGÉLICA – Mas o que é que êle me mandou dizer, Lucas?

LUCAS – Mandou lembranças p'ra sinhá.

ANGÉLICA – Para mim?

LUCAS – Sim, nhá. Êle disse que ficou até ante-ontem esperando| uma resposta. Foi êle mesmo que me mandou dizê assim, no caso de nhá| perguntá praquê foi.

ANGÉLICA (revelando ter compreendido) – Ahn!

LUCAS (remexendo o colarinho) – Faz favô, nhá. Faz favô de vê| se está direito?

ANGÉLICA (sem lhe dar atenção) – Está, sim, Lucas. (senta-se ao| pé da almofada).

CECÍLIA – Deixe ver, Lucas.

LUCAS (voltando-se) – Ninguém vai fazê troça de mim, não, nhá| Cecília?

CECÍLIA (sorrindo e arrumando-lhe a gravata) – Qual, Lucas! Espere! Deixe-me arrumar a gravata... Pronto! Assim está bem.

LUCAS – Eu não sei praquê o colarinho não assenta... Não sei se| será por causa do pescoço... (mostrando-se) O resto, não: a roupa, os| sapatos, o chapéu... Só êste colarinho é que está mangando comigo...| Eu acho mió tirá, não nhá Angélica?

SILVESTRE (entrando pelo *Fundo*) – Minha gente!

LUCAS (surprêso) – Ih! Nhô Silvestre já está de volta!

[p. 47] ANGÉLICA (levantando-se) – Boas, papai.

CECÍLIA – Boa.

SILVESTRE – Então, Cecília, que é do Janu?

CECÍLIA – O Janu deve estar lá em casa, arranjando as malas com| a Teresa. O Oscar é que foi ainda no engenho da Esperança.

SILVESTRE – Vocês já levaram tudo que tinham aquí?

CECÍLIA – Já, sim, senhor.

ANGÉLICA – Não. Faltam as almofadas.

CECÍLIA – Ah! É mesmo! As almofadas!

ANGÉLICA (dando-lhe uma) – Olhe, você leva esta, que eu levo| a outra.

CECÍLIA – Obrigada.
ANGÉLICA (saindo com a outra almofada) – Pai, eu vou até a | casa de Cecília. Posso ir?
SILVESTRE – Pode.
CECÍLIA – Então... até, nhô Silvestre. (saem ambas).
SILVESTRE – Até. (tempo, a Lucas) E você, Lucas, está mesmo | decidido a ir embora?
LUCAS (a mêdo, sem levantar os olhos) – Que se há de fazer, nhô | Silvestre! É destino!
SILVESTRE – Você enlouqueceu, Lucas, você enlouqueceu. Afinal, | que vai você fazer em São Paulo? Você lá imagina o que é São Paulo? | Eu pensei que isso fosse brincadeira!
LUCAS – Mas eu não vou passar fome, nhô Silvestre. Nhô Oscar e | nhá Teresa me dão um cantinho p'ra morá, na casa dêles.
SILVESTRE – Incomodar os outros? Ou julga você que há-de lá | ficar morando e comendo eternamente? Por acaso êles têm obrigação de | o aturar? O Oscar é pobre, vive do seu trabalho...
LUCAS (sempre a mêdo) – Nhôr, sim... já sei. Mas eu não vou | p'ra chegá lá e caí na rede...
SILVESTRE – Lá não há redes...
LUCAS – Nhor, sim; quero dizer: não vou sê vagabundo. Eu vou | firme p'ra trabalhá...
SILVESTRE – Trabalhe aquí; aquí não lhe falta serviço. Depois, | que espécie de trabalho vai você arranjar no sul? Responda! Você mal | sabe soletrar... Leva meia hora para escrever o nome, em garranchos... | Que espécie de emprêgo pode você pretender? Ir para a roça, pegar na | enxada? Para isso não é preciso sair... (em tom grave) Ao menos se | você tivesse por aí alguém, e fosse necessário ganhar mais, juntar uns | cobres...
[p. 48] LUCAS (triste) – Isso não tenho, nhor não. Muié de senzala, moça | branca, todas acham bonito os samba que eu tiro, mas na hora de entregá | o coração... entregam p'r'os outro...
SILVESTRE – Então?... (tempo).
LUCAS – Mas eu quero ir, nhô Silvestre. Quem sabe se ainda não | estou fora de tempo para me educá? Não acha, não? Depois eu lá fico | perto de nhá Cecília, nhá Teresa, e daqui a pouco também de nhá | Angélica ...
SILVESTRE (vencido) – É, você tem razão; faça o que entender... | Você não é mais criança... Eu ficarei sòzinho... (tempo).
LUCAS – Por falta de vaqueiro? Pois não fica o Migué com vosmicê?
OSCAR (pelo *Fundo*) – Boa tarde, "seu" Silvestre.
SILVESTRE – Boa, Oscar. (Lucas segura o baú)
OSCAR – Chi! Lucas! Você nessa elegância toda, é capaz de botar | a perder o coração das morenas.
LUCAS (saindo) – Quá, nhô! Elas não dizem o mesmo! Meu coração | é uma candeia sem gás.
OSCAR – Chi! Isso é verso de embolada? Eu só não concordo é | com êsse gás. Estou vendo que é preciso fazer uma revisão no vocabulário | de vocês, porque senão temos atrapalhação lá no sul.
LUCAS – Então como é que se diz?
OSCAR – Gás é uma coisa muito diferente daquela que você está | pensando. Diga querosene; meu coração é um lampeão sem querosene, | isto é, o querosene neste caso é amor. Não é?
LUCAS – Querosene?
OSCAR – Ou petróleo.
LUCAS (sem entender) – Como?
OSCAR – Nada, Lucas; assim complicado, em vez de simplificar. Vá | gastando o querosene, por enquanto.
LUCAS – Nhor, sim. (sai à *Direita Baixa* com o baú)

OSCAR (voltando-se rápido) – Ah! "seu" Silvestre, venho dizer uma | coisa muito séria ao senhor... (chamando) Ó Lucas!

LUCAS (reaparece) – Sinhô?

OSCAR – Você pelo jeito parece que não está lá muito disposto | a ir...

LUCAS (a contra-gôsto) – Quá! Nhor, não! Vô mesmo!

OSCAR – Olhe lá que eu já mandei reservar sua passagem na | agência da Baía, hein? Veja lá se me vai fazer perder o dinheiro...

LUCAS (como acima) – Quá! Nhor, não.

OSCAR – Êsse baú é a bagagem, não?

[p. 49] LUCAS – Nhor, sim,

OSCAR – Tudo?

LUCAS – Tudo.

OSCAR (rindo) – Mas que é êsse "tudo"? Aí quando muito pode | caber um terno de roupa. Abra êsse baú, Lucas! Ó seu Silvestre, o senhor | quer ver que o Lucas leva a roupa de couro para São Paulo?

LUCAS – Quá! Levo os sapato...

OSCAR – Sapatos, não: chinelos. Sapato é outra coisa. Vamos lá, | abra êsse baú!

LUCAS (disfarçando) – P'ra quê, nhô Oscar? É os sapato... | (emendando-se) Ora, os chinelo...

OSCAR – Abra (Lucas obedece; tira do baú uma rede) Uma rede! | (ri) Olhe aqui, "seu" Silvestre: é uma rede!

SILVESTRE – O que é que você ia fazer com essa rede, Lucas?

LUCAS (enfi[?]do) – P'ra dormir, nhô. Rede é p'ra dormir... | (Oscar ri. Lucas fecha o baú).

SILVESTRE – Mas você vai para o sul trabalhar ou dormir?

LUCAS – Ué! Ao menos isso já estava seguro. (sai à *Direita Baixa*)

SILVESTRE – Por que é que vocês meteram essa viagem na cabeça | do rapaz? Isso é uma loucura!

OSCAR – Eu não metí, não, senhor. Foi exclusivamente pela vontade | dêle.

SILVESTRE (tirando o relógio) – Bem, e a que horas vocês se | botam a caminho? Vocês vão pousar na Capela? Já são quatro horas...

OSCAR – Pousamos, sim, senhor. Mas antes de ir, preciso dizer | uma coisa ao senhor, e aproveitei a ocasião em que as meninas estão lá | entretidas com a arrumação das malas no carro de bois...

SILVESTRE – Pois diga lá.

OSCAR (sentando-se perto dele) – Não vê o senhor, que, quando | vim, trouxe uma incumbência do Armando.

SILVESTRE (interessado) – Do Armando?

OSCAR – Sim, senhor. Uma incumbência para Angélica e... para | o senhor também, naturalmente. Mas como o caso interessa mais a ela | do que ao senhor, eu achei que devia falar primeiro à sua filha.

SILVESTRE – Sim; e o que é?

OSCAR – (com expressão) – É uma coisa triste. Por ser triste é | que eu levei quase um mês à espera de momento, para falar do assunto a | Angélica, e aqui ao senhor confesso que não achava jeito... Não sei... | perdia a coragem...

SILVESTRE – Pois então conte.

[p. 50] OSCAR – Não é preciso contar, "seu" Silvestre; o senhor me poupe | êsse sentimento. Eu gosto muito do Armando para não lhe fazer uma | injustiça... É... Posso não saber contar o caso, que é bastante complicado, | e depois o seu juízo pode ser outro...

SILVESTRE (levantando-se severo) – Como diz?

OSCAR – 'Stá aí! Eu não dizia, "seu" Silvestre? Por minha boca é | que bem pouco lhe vale saber... (dá-lhe uma carta) Tome, "seu" Silvestre; | é êle próprio quem lhe vai explicar.

SILVESTRE (torna a carta) – Mas... que quer dizer isto? (dra-| mático) Menino! Nós nunca tivemos...

OSCAR (num lance cômico, tentando acalmar o velho) – Ué, nhô| Silvestre. Eu estou aqui para servir de testemunha.

SILVESTRE (ainda dramático) – Não brinque comigo (pausa;| rasga o envelope).

OSCAR (baixo) – Pois na hora triste é que a gente deve rir, "seu"| Silvestre.

SILVESTRE – Se achou que não devia entregar a Angélica, por| que então não me deu há mais tempo? (coloca os óculos).

OSCAR – A carta vem para ela. Bem que pedi ao Janu para entregar,| mas o Janu também não teve coragem... Que êle não tinha cara para| desiludir ninguém. (entram Janu e Teresa) (vendo-os) Oh! eu já ia| chamar vocês.

TERESA (vem vestida como Cecília, em cores diferentes) – Também| só agora é que acabámos a arrumação.

JANUÁRIO – E o Lucas, "seu" Silvestre, onde anda?

SILVESTRE – O Lucas? Meteu-se lá para dentro. Que é da| Angélica?

JANUÁRIO – Já deve estar aí com a Cecília.

SILVESTRE – Bem. Com licença (sai à *Direita Alta*)

OSCAR (certificando-se com o olhar de que o velho saíu) – Janu!

JANUÁRIO – Que é?

OSCAR (sussurrando) – Dei a carta a "seu" Silvestre.

JANUÁRIO (medroso) – É? E êle que disse?

OSCAR – Não disse: trovejou. O caso é sério.

TERESA (comovida) – Pobre de Angélica! Nem supõe...

JANUÁRIO (comovido) – É mesmo.

TERESA – Oscar, é melhor a gente ficar até amanhã. Eu tenho dó| de Angélica; separar-me dela justamente neste dia, neste instante!...

JANUÁRIO – Ficar é perder as passagens, que já estão reservadas...| Você paga outras?

[p. 51] ANGÉLICA (entrando, festiva) – Ó gente! Vocês assim vão| chegar na Capela à meia-noite. (Todos se tornam apreensivos com a sua| chegada) Olhem aqui, eu quero dizer uma coisa íntima a Vocês: o Armando| não me escreveu, mas eu não lhe pago na mesma moeda. Vocês digam| assim mesmo a êle, ouviram? (num sorriso) Podem até dizer que êle é um| ingrato... Que eu o espero, e êle não veio até hoje... (chega-se à *Esquerda*)| Não acha, hein, Teresa? Nós podíamos ir agora todas juntas, não? Mas| que é isso? Vocês viraram paredes? Ficaram todos mudos? Esperem um| instante que é só para mandar lembranças... Não demoro nada. Ah! que| cabeça a minha! O papel e a tinta estão na mesa de papai. (sai à *Direita Alta*| pausa).

OSCAR (acompanhando-a com a olhar) – Pronto! É agora! (tempo)| Ó Teresa!

TERESA – Hein?

OSCAR – Teresa, minha flor de mangaba, você me vai fazer um| grande favor...

TERESA – Qual?

OSCAR – Tirar êsse chapéu. Isso não é chapéu: é terrina de salada;| tem folhas e flores de todas as qualidades..

TERESA – Oh! por que, Oscarzinho?

CECÍLIA – Eu acho tão bonito!

OSCAR – Não, minha flor de pau d'arco, tenha a santa paciência:| você não desembarca na estação da Luz com êsse balaio de verduras na| cabeça!

TERESA (tirando a chapéu, arrufada) – Ah! que mau...

ANGÉLICA (aparecendo) – Ah! papai está lendo uma carta alí| entro. Chegou aí algum portador do correio?

JANUÁRIO E OSCAR – Não.

ANGÉLICA – Então, de quem será? Teresa, olhe aqui: você é que me vai fazer o obséquio de entregar estas lembranças ao Armando.

TERESA (tomando-lhe a carta) – Pois não, Angélica. E que digo?

SILVESTRE (à *Direita Alta*) – Angélica!

ANGÉLICA – Senhor? (silêncio).

SILVESTRE – (sacudindo a carta) – Minha filha...

OSCAR (percebendo tudo) – Com licença, "seu" Silvestre. Eu vou ali e já volto.

SILVESTRE – Aonde vai?

OSCAR – Preciso cuidar dos cavalos, que o tempo está voando.

SILVESTRE – Isso compete ao Lucas. Espere aí um momento, que a sua presença agora é necessária.

[p. 52] OSCAR – Sim, senhor; pois não.

ANGÉLICA – Que foi, pai? Alguma notícia?...

SILVESTRE (pensativo) – É. Uma notícia bem desagradável!...

ANGÉLICA (espantada) – Desagradável?!

SILVESTRE (paternalmente e comovido) – Olhe, minha filha, esta carta foi o Oscar que trouxe para você, e eu a abri... Abri porque enfim você nunca teve segredos para mim, nunca tratou de esconder o que se passou entre você e o...

ANGÉLICA (arregalando os olhos, num brado) – Armando?! (ofegante) Que houve, pai? (tempo).

SILVESTRE – Não vem mais.

ANGÉLICA (com maior angústia) – Morreu?!

SILVESTRE – Não, filha. Vai casar.

OSCAR – Já casou.

ANGÉLICA (anelante, encosta-se à mesa, profundamente ferida pela notícia)

SILVESTRE (amparando-a numa cadeira à *Direita Baixa*) – Angélica! Sente, Angélica, sente!

ANGÉLICA – Casou?... E a carta?...

SILVESTRE – Está aqui, filha, está aqui!

ANGÉLICA – Leia, pai, eu não posso...

SILVESTRE (lentamente) – Ler? Eu também não posso...

ANGÉLICA (chorando) – Pai, porque é que o Armando passou por aqui? Por que se comprometeu, se não queria ser constante? (reage; enxuga as lágrimas num lenço) Não, não devo chorar... Que é da carta, pai?

SILVESTRE (entregando-lha) – Está aqui, minha filha.

ANGÉLICA (deitando a cabeça para trás num suspiro) – Tome, Oscar, faça o favor de ler para mim.

OSCAR – Quer que leia já, Angélica? Por que não deixa para amanhã?... Você sentiu o choque da surpresa...

TERESA – Hein, Angélica, você amanhã está mais calma.

ANGÉLICA – Não!... É o último favor que lhe peço, Oscar. Leia. (Silvestre alisa-lhe os cabelos).

OSCAR – Bem, leio. Mas você sorria, Angélica; o caso não é também tão fúnebre como você está vendo. Para momentos como este é que se inventou a alegria, não é? Então, escute: (lê, sorrindo levemente) "Angélica – esqueça-se de mim; eu não mereço nem sequer a sua saúde. Troco a sua mão puríssima pela de Leonor, e estou certo de que sua candura me absolve, de que a sua inocência a perdoa da culpa involuntária de roubar a palavra e o coração que lhe pertenciam. Suplico-lhe que me esqueça, sem rancor, e que não a acuse por uma tentação que não houve. Eu próprio me comovo pela minha sorte, já que nunca mais lhe poderei dizer que a amo, Angélica, mas muito mais me dói a sua. Que amargura lhe dei, por tê-la amado, minha amiga! (aqui o sorriso tenta pairar sobre a comoção e com esta se mistura). Lembra-se do nosso último encontro? Lembra-se por acaso

dos meus olhos? Neles se devia refletir o meu pres-| sentimento; sim, porque me parecia demais aquela felicidade. Eu queria| fazer esta despedida, aí ao pé da cancelinha de sua casa, para lhe pedir| perdão pela culpa de a haver iludido, meu infinito amor, para chorar,| para a apertar num abraço longo de encontro ao peito, e ser também| longamente abraçado. Hoje compreendo que aí fui por destino, como por| destino aceito o dever de conduzir ao altar alguém que me fez sofrer.| Tomara que por destino você ficasse aí por toda a vida, a urdir as suas| rendas, na paz do seu lugarejo, com o coração virgem de outro afeto! Sim,| Angélica, eu não tenho a sua nobreza; eu sou egoísta, chegaria a implorar| que não amasse a mais ninguém, porque eu não sei se suportaria a mesma| dor que lhe causo. (pausa) E, nunca pense em vir, Angélica; recordo-me| dos serões em que Cecília e Teresa punham-se a sonhar com você a| maravilha de São Paulo. Não, meu grande amor, não pense nunca que| êste espetáculo, que êste deslumbramento vale mais que a simplicidade| bucólica, o sossêgo honesto de sua vila. Não. A cidade que você fantasia,| é um dragão côm de rosa, meu bem, que nos obriga a uma perpétua defesa,| para não cairmos em pecado. Depois, eu tenho medo de que a arrebatem,| Angélica, apavoro-me com a idéia de que você venha a pertencer a outro.| Confesso-me a você que é santa, e beijo a ponta do seu vestido. Perdoe| o seu Armando".

SILVESTRE (afagando-lhe ainda a cabeça) – Não faz mal, minha| filha, não faz mal... Você ainda é moça, há de achar alguém que lhe| queira...

ANGÉLICA (levanta-se, apoiando-se na cadeira) – Teresa!

TERESA (docemente) – Que é, Angélica?

ANGÉLICA – Você me faz o favor de trazer o meu enxoval?

TERESA – Pois não.

CECÍLIA – Eu vou também, Angélica.

ANGÉLICA – É para dar a vocês... Está na caixa, logo em cima...| na minha mala...

TERESA – Para nós? Mas não, Angélica.

CECÍLIA – Nós já temos, Angélica!

ANGÉLICA (a ambas, quase à porta) – Sei que têm, mas é uma| lembrança minha.

[p. 54] SILVESTRE (atendendo no ruído do carro) – Êsse não é o carro em| que vocês vão?

OSCAR – Deve ser, sim, senhor. (chega-se à porta ao *Fundo*)

ANGÉLICA – Não precisa, não; eu mesma vou buscar... Deixem...

SILVESTRE (amparando-a) – Vamos, filha. (leva-a à *Esquerda*) Eu não| sabia que vocês se estimavam dêsse modo... senão... o Armando quando| saíu daqui já saía casado... (saem Silvestre e Angélica.) (Lucas entra).

JANUÁRIO (a Oscar, ao *Fundo*) – Então, vamos?

LUCAS (sem ser notado, aparece à *Direita Baixa* em sua roupa costumeira).

CECÍLIA (apontando-o) – Eh! Olhe aí!

TERESA (admirada) – Virge!

OSCAR – Chi!

JANUÁRIO – Mas que é isso, Lucas?

OSCAR – Mas, então, Lucas?

LUCAS (solene) – Então? É que eu não vou.

OSCAR – Como? Não vai?

LUCAS – Nhor, não. Não vou mais.

OSCAR (violento) – Como é isso, seu tabaréu? Não pode ser. Há| pouco era a Teresa que chorava para desistir da viagem; agora é você.

JANUÁRIO – Nós é que não podemos perder o dinheiro da passagem,| "seu" Lucas! Compreendeu?

OSCAR – Você vai, nem que seja para justificar a passagem.

JANUÁRIO – É. Isso não é direito.

LUCAS (resoluto) – Eu pago. (admiração) Eu pago o seu perjuízo,| nhô Oscar, mas não vou.

JANUÁRIO – Por que não vai?

LUCAS – Vou acompanhá vosmicês inté à Capela, mas p'ra São| Paulo, não. Me descurem, mas eu pensei mió um pouco. "Seu" Silvestre| me disse aí umas verdade, que me fizero entrá em mim. E o véio tem| rezão: que é que eu vou fazê em São Paulo?

OSCAR – Trabalhar, ora essa!

LUCAS – Eu sou um vaqueiro matuto, nascí e fui criado no sertão...| ia lá envergonhá vosmicês!

JANUÁRIO – Por isso, não. Todos nós o estimamos...

LUCAS – Sei, sei... Muito obrigado, nhô Janu, mas eu me reconheço.| Perfiro ficá aquí, lidando com os meus bois que são todos mansos, a lidar| com gente... que eu não sei se é braba... (sentido) Depois, pensando| bem, era inté uma ingratidão que eu ia fazê a nhô Silvestre... e afiná| êle não merece isso de mim... Eu 'stava influído, mas agora assentei o| [p. 55] júizo... Me descurem, eu não vou mais... (move-se em direção ao *Fundo*)| As malas já estão no carro?

CECÍLIA E TERESA – Já.

TERESA – Olhe, Lucas... mas é melhor arrear os cavalos dêles,| primeiro .

CECÍLIA – É, nós resolvemos ir no carro.

LUCAS – 'Stá bem, nhá. Eu arreo. Arreo e espero lá. Até.

SILVESTRE (entrando com Angélica e dando com Lucas) – Ó| Lucas! Que é isso? Você vai nesse gôsto?

LUCAS – Eu... arresorvi não ir, nhô Silvestre.

OSCAR – O Lucas teve mêdo do dragão.

ANGÉLICA (repartindo as rendas) – Bem, Teresa, isto é para você.| Não recuse, que tomo por desfeita.

TERESA – Se é assim... Obrigada.

ANGÉLICA – Isto para você, Cecília.

CECÍLIA – Obrigada, Angélica. (abraça-a chorando) Então...| adeus, Angélica.

TERESA (a Silvestre) – Adeus... a bênção, nhô Silvestre. O senhor| desculpe as nossas faltas.

SILVESTRE – Adeus, menina. Nada tenho a desculpar.

TERESA (a Angélica) – Angélica!

ANGÉLICA – Teresa! (abraçam-se em pranto silencioso).

LUCAS (alto) – Vamos, gente!

OSCAR – É, não se esqueçam de que vocês vão no carro de bois, e| que nós demoramos.

CECÍLIA (a Silvestre) – A bênção, nhô Silvestre; lá estarei às suas| ordens. (Lucas sai).

SILVESTRE – Adeus, Cecília. Muito obrigado.

OSCAR – "Seu" Silvestre, eu e Janu não nos despedimos porque| ainda voltaremos. Nós vamos depois a cavalo. Até. (saem Oscar e Januário)

SILVESTRE – Até.

ANGÉLICA (acompanhando-as à porta) – Vocês arranjem as rendas| no carro. Tem tempo.

TERESA – É, sim... (Angélica para súbitamente e volta para a| cadeira. Fora, cessa o ruído do carro).

SILVESTRE (aproximando-se) – Que é, minha filha? Console-se...

ANGÉLICA (reprimindo o choro em soluços secos) – Estou...| consolada, pai.

TERESA (ao alpendre, com Cecília) – Então...

[p. 56] ANGÉLICA (chorando) Teresa! Cecília! (ambas voltam) Vocês| me perdoam uma coisa?

CECÍLIA – Ora!

TERESA – Que é que você quer?

ANGÉLICA – Se eu... me arrependesse de dar... o enxoval a| vocês... vocês ficavam zangadas?

TERESA – Ora essa, Angélica? (depõe as rendas no regaço da| amiga, no que é imitada pela irmã) Pronto!

ANGÉLICA – Obrigada. Agora... De-me aquela caixa.

TERESA (entregando-lha) – Pronto!

ANGÉLICA (recoloca as rendas e fecha-a) – Olhem... vocês duas...| me peçam ao Oscar... para entregar isto a Leonor, sabem? Ela está na| miséria... Armando também é pobre... (ambas enxugam os olhos).

TERESA – Como você é boa, Angélica! (Beija-lhe os cabelos)| Vamos, Cecília?

CECÍLIA – Vamos. O carro já deu a volta. (chegam ao *Fundo*)

TERESA – Olhe, Angélica... nós mesmas entregamos, sabe?

ANGÉLICA (levantando-se) Sei. (Teresa e Cecília saem. Espectativa.)| Ela leva a destra ao coração numa ansiedade)

SILVESTRE – Assim vai mal, filha, assim vai mal. Você é capaz de| adoecer. (ouve-se de novo o chiar do carro de bois).

ANGÉLICA (hesitante, indo até à mesa) – Não, não... Eu quero| vê-las... (impotente para recalcar a angústia, solta uma exclamação) Mas| tudo assim de uma vez, é muito! (debruça-se na mesa, chorando convul-| sivamente).

SILVESTRE – Angélica, minha filha!... Angélica, minha filha!...

ANGÉLICA (aos soluços) – Pai, elas vão ver o Armando... Elas| vão ver o Armando...

CAI O PANO